

500... 92  
J. M. DOS REMEDIOS

---

PATRIA  
E FAMILIA

Drama em 3 actos

---

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1891

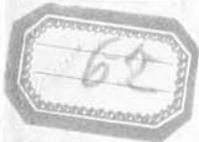
Sala 3

Gab. 32

Est. 26

Tab. 4

N.º 4



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

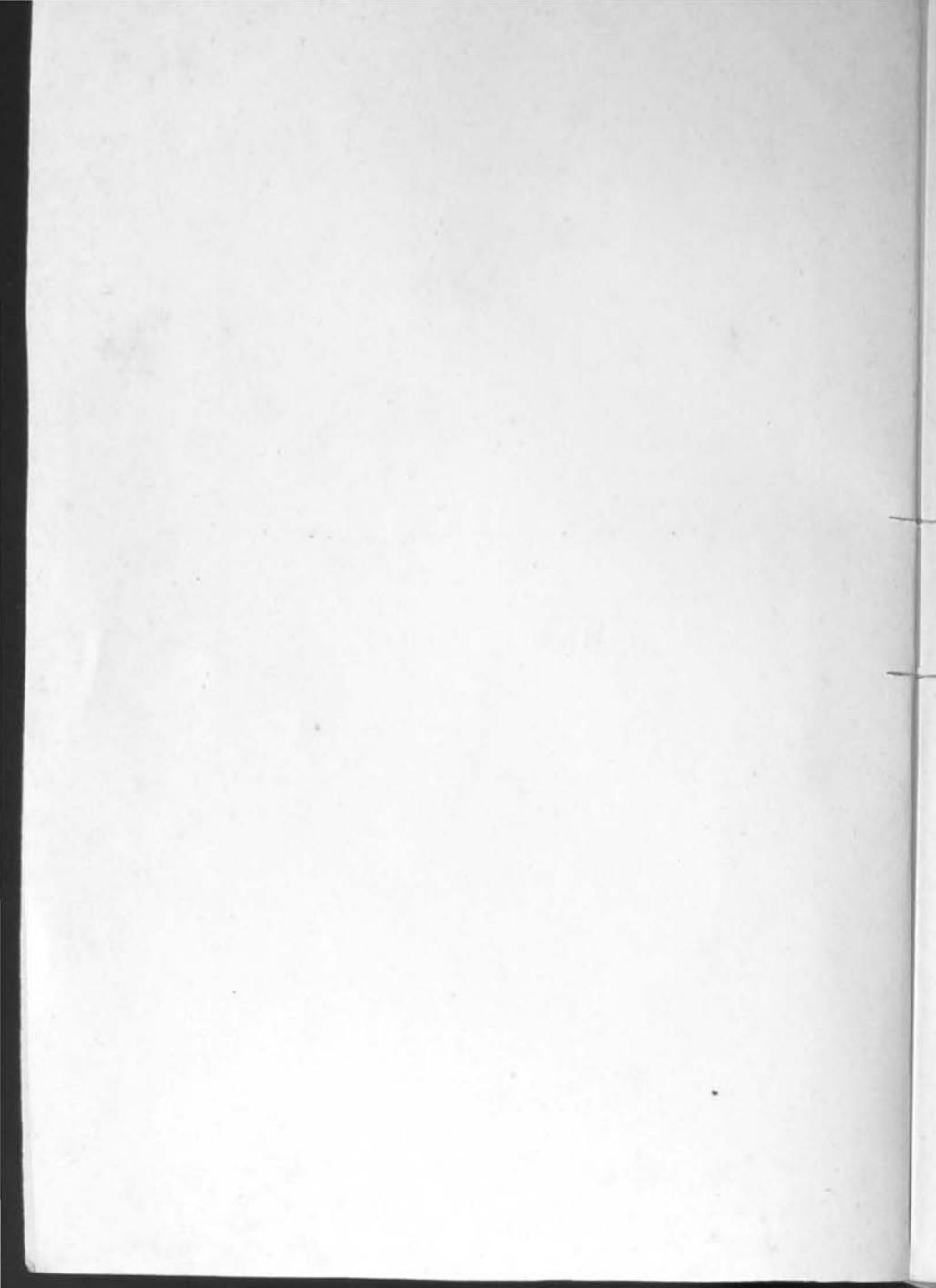
PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

PHILOSOPHY

PATRIA E FAMILIA

DRAMA EM 3 ACTOS



# PATRIA E FAMILIA

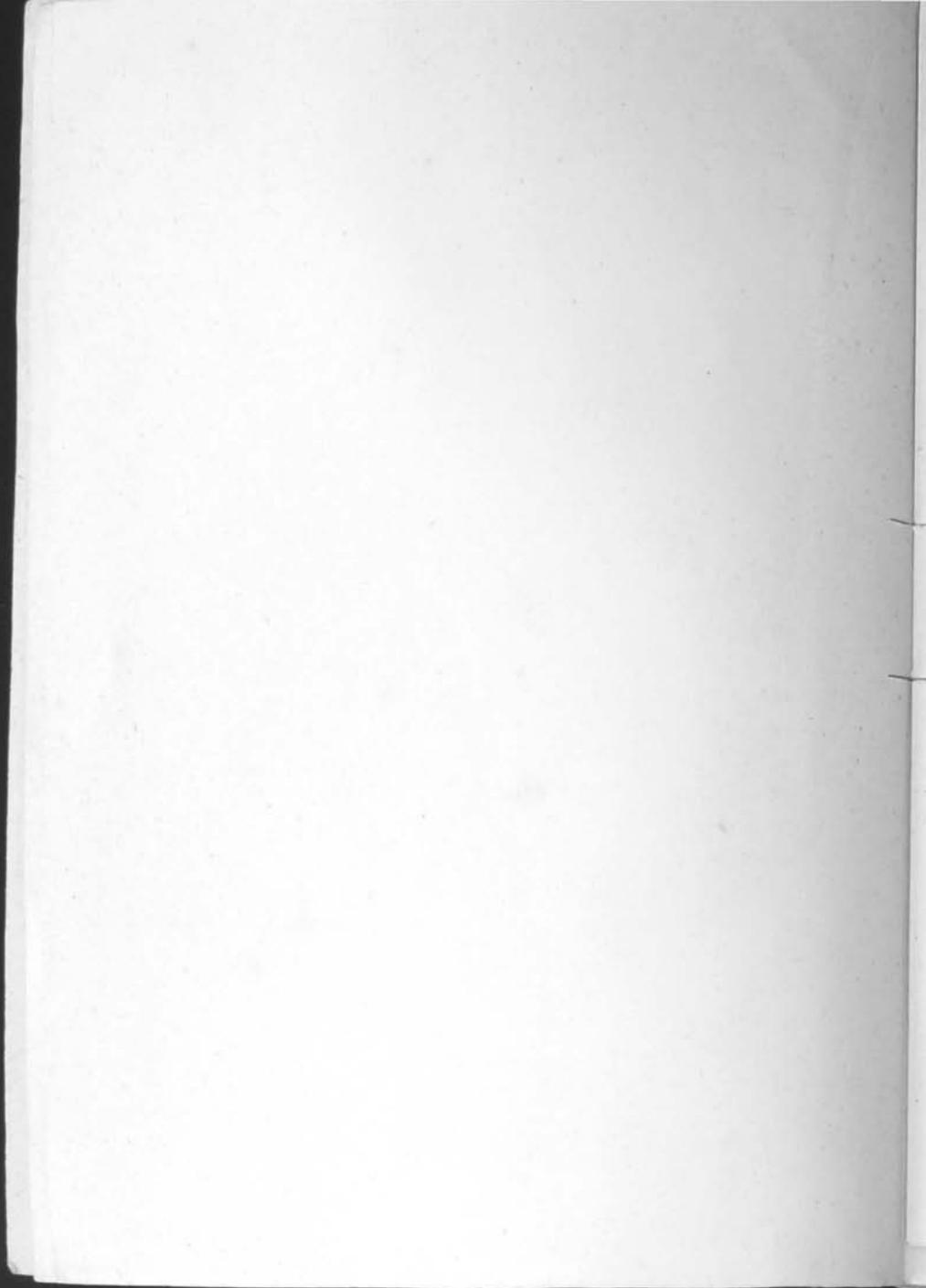
Drama em 3 actos

POR

JOAQUIM MENDES DOS REMEDIOS



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1891



*É vosso este drama, meus amigos. Já o cobria a egide da vossa dedicação quando elle era apenas um ideal, que nunca chegaria a realisar-se, se não fosseis vós. Escripito por penna inhabil, num tempo em que se impõe o descanso moral como garantia de reforço para novas luctas, não é difficil descobrir-lhe os achaques de que enferma. Deixal-o. Não procurei fazer uma obra litteraria, que seria temeridade louca abalançar-se a tal empreza quem tão minguido é de recursos. Animado pelos vossos incitamentos, foi assim que aproveitei um mez de férias — tentando escrever um drama. Escripito, foi representado.*

*São datas, que têm já agora na nossa alma um cunho indelevel, os dias 9 e 10 de outubro de 1891. Na minha vida, como na vossa, essas datas abrem um parenthesis de grande alegria dulcificadora, de serena paz de consciencia.*

*Para acabar de realisar as aspirações de todos*

vós faltava, porém, uma cousa — imprimir o drama.  
Aqui o tendes — dedico-vol-o. Como foi a vossa  
amizade a inspiral-o, seja ella a defendel-o. Eu  
nada receio, que a amizade é como o sol — morre  
dando vida.

Coimbra, dezembro 91.

Este drama foi representado no theatro  
de Niza nos dias 9 e 10 de outubro de 1891

*A distribuição dos papeis foi a seguinte:*

ERNESTO DA CUNHA.....	ex. <sup>mo</sup> sr.	EDUARDO
ALFREDO DA CUNHA.....	»	L. MIGUENS
ERNESTINA .....	»	D. ANTONIA
PEDRO DE VASCONCELLOS..	»	B. LIMA
NORBERTO DE SOUSA.....	»	M. BENTO
NORONHA ( <i>Lagosta</i> ).....	»	LACERDA
FILIPPE.....	»	A. D'OLIVEIRA
POLICIAS .....	»	{ J. SANBADO
CREADOS .....	»	{ J. MANSO
		N. N.

## PERSONAGENS

ERNESTO DA CUNHA.....	75	annos
ALFREDO DA CUNHA.....	21	»
ERNESTINA.....	18	»
PEDRO DE VASCONCELLOS .....	24	»
NORBERTO DE SOUSA .....	40	»
NORONHA ( <i>Lagosta</i> ).. ..	32	»
FILIPPE ( <i>creado</i> ).....	70	»
POLICIAS.		
CREADOS.		

Actualidade



## ACTO I

*(Uma sala em casa de Ernesto da Cunha. Ao fundo duas portas: a da direita, entrada para quem vem da rua; a da esquerda, entrada para o interior. Aos lados, porta também para o interior e janella que dá para a rua, etc.)*

### SCENA I

ERNESTO *(tendo um jornal na mão)*

São cada vez mais funestas as noticias que nos trazem os jornaes todos os dias. Aggrava-se de momento a momento a situação; aproxima-se o desabar d'este grande edificio, d'este edificio sete vezes secular. *(levanta-se)* Ah! É profundamente doloroso este estertor de moribundo! o Portugal de Affonso Henriques, D. João I e Affonso de Albuquerque, de centenares de martyres e heroes, vai terminar a sua marcha gloriosa, abatido, pizado, vilmente roubado por um sicario que em outros tempos — felizes tempos! — pedia esmola de mãos alevantadas ao céo e os olhos arrazados de lagrimas! *(ouve-se passos)* O pobre vendeu a esmola para comprar o punhal! Ah! Inglaterra, Inglaterra!...

## SCENA II

ERNESTO e NORBERTO

NORBERTO (*que ouviu estas ultimas palavras*)Falla da nossa amiga, da nossa *fiel* alliada?ERNESTO (*comprimentando-o*)

Sim. Pois que outra cousa ha que mereça tanto a nossa attenção? É uma questão de vida ou de morte para todos nós — portuguezes...

NORBERTO

Assim é, infelizmente. Todos os que sentem pulsar um coração leal e nobre hão de sentir-se indignados perante as pretensões infames dos piratas britannicos. E sabe v. ex.<sup>a</sup> uma cousa que me tortura? É esta triste propaganda republicana. É um perigo serio. Oxalá me engane! — mas quer-me parecer que ha de dar as mais funestas consequencias.

ERNESTO

É tambem essa a minha opinião. A imprensa é uma força moral das mais poderosas. O nosso povo, mais que nenhum outro, pensa, dirige-se e obra pelo que lhe diz o jornal. Não tardará muitos dias que não vejamos as multidões sahirem indignadas para as ruas; e sabe Deus então quantos crimes não serão perpetrados.

## NORBERTO

Muitos dias?! diz v. ex.<sup>a</sup>... A esta hora está a rua Nova do Almada, por onde acabei de passar, atulhada de gente do povo. Ouvi distinctamente muitos gritos subversivos. Tive curiosidade de perguntar; mas nessa ocasião uma força da municipal descia a todo o galope, e não tive mais tempo que para retirar-me. (*ouve-se neste momento uma descarga; um susurro cresce cada vez mais, até se ouvirem claramente gritos de: Morram os traidores! Viva a republica! E. da Cunha e Norberto correm á janella*) Ah! os tem. Oxalá se afaste para longe, que gente d'esta é sempre perigosa.

## SCENA III

ERNESTO, NORBERTO, ERNESTINA e CRIADOS

ERNESTINA (*acompanhada dos creados em grande agitação*)

Papá! papá!... Accuda!... Depressa!...

## ERNESTO

Valha-te Deus, creança! Socega, que não é nada com-nosco. Essa gentalha não nos quererá incommodar! (*correm á janella*)

NORBERTO (*agitado*)

Sr. Ernesto! Mande fechar as portas, porque me parece que aquelles miseraveis se encaminham para aqui. Ouço pronunciar o seu nome...

ERNESTO

Que me importa?... Não commetti falta alguma, nada tenho que receiar.

ERNESTINA

Papá! Por amor de Deus mande fechar tudo, tudo. (*aos creados*) Corram a trancar as portas.

ERNESTO (*energico*)

Eh! Ninguem se arreda d'aqui sem eu mandar. (*puchando por um revolver e indo collocar-se entre as portas*) Agora, essa canalha que entre! (*ouvem-se mais tiros, vozeria, assuada...*)

ERNESTINA

Meu Deus! que calamidade! meu pobre pae! (*corre á janella e sahe depois com os creados*)

## SCENA IV

NORBERTO e ERNESTO

NORBERTO

Sr. Ernesto! Confio no bom senso de v. ex.<sup>a</sup> que me vai escutar. Peço-lhe tambem que me desculpe, se me exceder; tudo é para seu bem. (*o susurro acalma lá fóra; Ernesto desce á scena*) V. ex.<sup>a</sup> não ignora que a attitude franca e rasgada que a sua intelligencia e o seu coração lhe aconselharam a

seguir ha uns tempos a esta parte lhe creou um grande numero de antipathias. O nome de v. ex.<sup>a</sup> anda na bocca de todos; a sua personalidade evidenciou-se vigorosamente, e eu receio que amanhã aquelles mesmos que têm em v. ex.<sup>a</sup> o mais galhardo campeão não saibam liberalisar-lhe todos os favores de que é digno. Depois, o jornal que passa tendo como redactor v. ex.<sup>a</sup>, o *Espartano*, tem suscitado uns odios mortaes...

ERNESTO

Sou o primeiro a reconhecer todos esses factos, mas sou tambem o primeiro a reconhecer que cumpro um dever sagrado, batalhando por aquillo que a minha consciencia me dita, como sendo a verdade, o bem e a justiça.

NORBERTO

Perfeitamente. V. ex.<sup>a</sup> entende que a salvação do paiz está na conservação das instituições. Combate pela monarchia, porque julga que essa fôrma de governo nos pôde tirar do estado desgraçado a que chegámos. Outros ha, e em grande numero, que imaginam que só a republica é garantia de futuro prospero. Essa gente que tumultúa nas ruas pertence ao numero d'estes ultimos.

ERNESTO

E com que direito é que se fazem esses tumultos? A que aspira essa gente? Que quer ella? A desordem, o sangue, o saque!... Pois, francamente, não serão commigo muito felizes, porque as gavetas agora têm pouco.

NORBERTO

Perdão! Julgo que essas palavras são um pouco apaixonadas. V. ex.<sup>a</sup> não ignora que o nosso povo é, por indole, bondoso, adverso ás crueldades sanguinarias de outros muitos que conhecemos.

ERNESTO (*ironico*)

Sim! Mas isso não impediu as luctas civis... O sr. Norberto conhece bem a nossa historia... Tem paginas muito candidas, não acha?

NORBERTO

Ah! de certo... Mas então concorda v. ex.<sup>a</sup> commigo que estamos na aurora de uma revolução...

ERNESTO (*pensativo*)

Na aurora de uma revolução... Sim! é possível que assim seja. As nações, como os individuos, têm d'estas agonias; lamento, no entanto, que essa gente attribua a um só, ou a poucos, aquillo que é obra de todos.

NORBERTO

Sempre assim foi, sr. Ernesto; o defeito não é de hoje nem de hontem, é de todos os tempos. O que eu julgo de instante necessidade é que v. ex.<sup>a</sup> contemporise, quanto lh'o permitta a sua dignidade, com os acontecimentos a que vamos assistir.

ERNESTO

Contemporisar?... Nunca!... Tenho seguido a minha carreira com desassombro, hei de levá-la assim até final.

*(Neste momento ouvem-se passos apressados. Entram Alfredo e Pedro agitadamente).*

## SCENA V

OS MESMOS, PEDRO e ALFREDO

ALFREDO *(correndo a abraçar o pae)*

Meu querido pae!

ERNESTO

Como! És tu, Alfredo!? Que succedeu?... Fizeram-te algum mal?... Vens ferido?...

ALFREDO

Felizmente nada tenho. Foi aquelle Lagosta, como lhe chamavamos em Coimbra, que...

ERNESTO

É verdade!?... Como é que tu no meio do anno lectivo appareces aqui?!

ALFREDO

Já lhe explico o meu procedimento, mas antes consinta-me

que lhe apresente o meu amigo Pedro, velho companheiro de Coimbra.

ERNESTO

Ah!... O sr. Pedro, de quem tantas vezes me tens falado?... Tenho muito prazer em o conhecer, senhor. (*comprimentam-se; Alfredo vai abraçar Norberto, com quem fica conversando*)

PEDRO

Peço desculpa a v. ex.\* por vir numa ocasião tão inoportuna, e talvez mesmo importuna; mas eu, como o Alfredo, ignoravamos completamente tudo isto.

ERNESTO

Ora essa! são sempre bemvindos a esta casa os amigos de meu filho. (*a Norberto*) Sr. Norberto, o sr. Pedro de Vasconcellos, estudante de medicina e um dos bons amigos de meu filho. (*a Pedro*) O meu amigo Norberto de Sousa. (*comprimentam-se*) Muito bem! (*convidando-os a sentar-se*) Creio que estamos perfeitamente em família; a agitação na rua parece ter acalmado e podemos por tanto conversar com descanço.

NORBERTO (*que se tem aproximado da janella*)

Pelo menos, por agora, podemos. A rua está quasi deserta; mais de duas mil pessoas seguiram para baixo em direcção ao Rocio; não sei em que isto virá a dar.

PEDRO

Em bem, certamente, não. Estas agitações das massas têm

sempre effeitos desastrosos. Todos querem mandar, dirigir, impôr-se. Veja v. ex.<sup>a</sup> o que succedeu em Coimbra hontem de tarde. Correu logo de manhã o boato de que a academia de mãos dadas com o regimento ia sahir para a rua e proclamar a republica. Ao mesmo tempo dizia-se que a Universidade fechava por este anno e que alguns estudantes, dos que mais se tinham salientado, iam ser presos.

ALFREDO

Pódes acrescentar que o meu nome figura nessa lista de proscipção.

ERNESTO e NORBERTO

Ora essa!...

ALFREDO

Infelizmente assim é.

ERNESTO

Mas, que razões?...

PEDRO

Ah! razões?! As suas idcias — cis tudo. A sua educação francamente moderna, inspirada nos grandes ideaes, aquecida ao bello sol da liberdade, arrastou-o a abraçar o grande partido dos que soffrem.

ERNESTO

Mas, havendo tantos estudantes em Coimbra, só o Alfredo havia commettido esse supposto delicto!?

PEDRO

Culpe v. ex.<sup>a</sup> o talento d'elle, que o superiorizou entre todos, e acima de todos.

ALFREDO

Mau, mau.

PEDRO (*interrompendo-o*)

No entanto o Alfredo não estava só. Indicavam-se mais alguns outros criminosos. Criminosos! E é este o grande seculo XIX, o seculo de grandes homens e de grandes descobertas, e passa-se isto hoje, que uma forte rajada de egualdade sopra com violencia, abalando os thronos, convulsioando as sociedades, hoje, que os socialistas, os vencedores do Porvir, alcançam na Allemanha, em lucta pacifica, a bocca da urna, mais de 1.500:000 votos.

NORBERTO

É que as grandes ideias são como as grandes arvores, custam a desenvolver-se e a fortificar-se; mas, uma vez vencidas, não morrem mais.

ERNESTO

Deixemos isso, e voltemos ao que mais importa. O sr. Pedro tem a bondade de terminar a sua narração, porque me parece que ella vai explicar-me o motivo por que tenho o prazer de o ver em minha casa.

PEDRO

Da melhor vontade. Dizia eu que se espalhavam em Coimbra boatos aterradores ácerca da attitude do regimento e da academia. De facto notou-se que algumas personagens das mais importantes sahiam da cidade á *lufa-lufa*, fechando as suas casas; a auctoridade tomava medidas preventivas rigo-rosas; fallava-se em suspensão de garantias. Em cada indi-

viduo começou de ver-se um espião. (*pausa*) Para o meio dia estava convocada uma assembleia geral da academia. A reunião foi tumultuosa. Involuntariamente lembrei-me da revolução franceza de 89, d'algumas das figuras epicas d'esse tempo — de Mirabeau, de Maury, de...

ALFREDO (*rindo*)

Tudo em ponto pequeno, bem entendido.

PEDRO

Seja como quizeres, mas não podes negar que a sinceridade e a fé ardente de todos os rapazes se revelaram em eloquencia vibrante e entusiasta como o tinir de espadas. Depois, tu foste felicissimo e — palavra d'honra — tiveste uma lembrança, que regista o teu nome em letras de bronze nos corações de todos nós portuguezes!

NORBERTO

Bravo! sr. Alfredo!

ERNESTO

Não me encha o rapaz de vaidade!...

PEDRO

Nada. Eu só conto o que se passou.

ALFREDO

Visto pelo prisma da amizade, o mais falso de todos os prismas, concorda...

PEDRO (*voltando-se para Norberto e Ernesto*)

Deixem-no fallar. Em se tratando de lhe publicar os merecimentos é isto que se vê. (*a Alfredo*) Tem paciência, meu caro; se te envergonhas, retira-te. Hei de dizer o que se passou. (*a Ernesto e Norberto*) A verdade é que na assembleia tomou-se uma resolução importantissima, do maior alcance, e que só por si torna sympathicos os estudantes que a constituam. Era preciso alguém para chefe de toda aquella mocidade, chefe energico, intelligente, bondoso. Nada mais difficil. O que se exigia em ultima analyse, era — a grandeza epica d'um heroe fundida na alma d'um rapaz de 20 annos. Pois bem! eu fui testemunha de como toda aquella multidão evocou um nome, um nome só e do delirio a que deu logar a pessoa, que obtinha a sua primeira glorificação nesse dia memoravel. Sabem a quem me refiro. (*apontando Alfredo*)

ERNESTO

Não sei porque, mas reccio que essa glorificação se transmude bem depressa. Tenho um presentimento horrivel...

NORBERTO

Ora, não esteja v. ex.<sup>a</sup> com apprehensões...

ALFREDO

Seja qual fôr o destino que o futuro me reserve, nunca me arrependerei da resolução tomada hontem. Poderei succumbir, mas acho glorioso e para mim tem um attractivo captivante, morrer defendendo a Patria. Ora, meu pac, foi a isso que hontem me obriguei.

## PEDRO

Estou certo de que v. ex.<sup>a</sup>, sr. Ernesto, ha de coroar com a benção a resolução do Alfredo. E de mais os compromissos, que pesam sobre elle, actualmente, são enormes. Veja. Após a ovação a que deu logar a sua presença, tendo apparecido a uma janella, centenaes de companheiros esperaram as suas ordens. Com um laconismo admiravel, elle limitou-se a reproduzir as palavras d'um soldado francez a que a historia chama o «Heroe da Venda» — Rochejaquelein —, dizendo: — «meus amigos, sou muito novo para vos commandar. Só tenho isto a dizer-vos: se eu avançar — segui-me; se recuar — matae-me; se morrer — vingae-me». Horas depois Coimbra inteira commentava a resolução da Academia; as manifestações começaram immediatamente e estrecharam-se por esta fórma desgraçada — queimando o retrato do rei na praça 8 de Maio. Pelas 10 horas da noite sabia confidencialmente que a Universidade ia, de facto, fechar por algum tempo. Retirámo-nos logo para aqui, para em breve voltarmos a Coimbra.

## ALFREDO

D'entre 2 a 3 dias, o maximo...

## ERNESTO

Como?! Mas então a Universidade não está fechada?

## ALFREDO

Pois precisamente por isso é que a minha presença é lá indispensavel. Não quero que os meus amigos duvidem de

mim, nem que os meus inimigos levantem calumnias. A mais leve suspeita melindrar-me-hia profundamente.

NORBERTO

E quem se atreveria a duvidar da sinceridade dos seus sentimentos?

ALFREDO

Quem?! ainda não ha meia hora que isso succedeu. Quando nos dirigiamos para casa, encontrámos uma multidão enorme esbravejando e dizendo insolencias. Ouvimos varios gritos subversivos; iamos entrar, quando aquelle infame *Lagosta* nos embargou o passo. Foi preciso lutar. Sabem o dictado: — «odio velho não cança». O tal sujeito deixou de estudar por causa de completa incapacidade intellectual e moral.

NORBERTO

Goza d'essa fama aqui em Lisboa.

ALFREDO

Mas querem saber? Este cretino tem para a maldade uns assomos de genio. Dava um bello Torquemada. A physiologia encarrega-se modernamente de classificar os seres como elle; chama-lhes — matoides. Infelizmente é meu inimigo; mas, affianço-lhes, a primeira vez que me der uma dentada, esmago-o como quem esmaga um sapo.

PEDRO

Não terás tal trabalho. Essa gente tem os instintos da toupeira — trabalha na escuridão.

ERNESTO

Esperemos tranquillamente os acontecimentos. Quer-me parecer, meu caro Alfredo, que essa cabeça vem um pouco esquentada. Terás que ficar em nossa casa mais tempo do que dizes...

ALFREDO

Sentirei muito que meu paé tome essa resolução; é indispensavel que esteja em Coimbra d'entre de 2 dias, o mais tardar...

ERNESTO

Viria então a primeira vez que me desses um desgosto... Mas, deixemos isto. (*levantam-se*) Estamos a conversar ha que tempos. Precisarão descançar e, por isso, lembrava-te, Alfredo, o nosso hospede...

PEDRO

Oh! por quem são! peço que se não incomodem! a viagem, como sabem, é curtissima e feita com as maiores comodidades.

ALFREDO

Em todo o caso necessitamos prepararmo'-nos para tratar d'uns negocios urgentes. Até logo, meu paé.

PEDRO

Sr. Ernesto, sr. Norberto. (*sahem*)

## SCENA VI

ERNESTO

Oxalá que me enganem os meus presentimentos! Sempre aspirei passar os dias ultimos da vida no seio da minha familia, pacificamente. Adivinha-me o coração alguma catastrophe. Esta evidencia em que o meu nome e o de meu filho agora estão não nos acarretará grandes desgraças? Depois uma ideia me sobressalta mais que todas: — o facto de militarmos em campos oppostos, não perturbará a tranquillidade de todos nós? temo bem que sim! é preciso proceder com energia, e desde já. Pensemos. (*sae*)

## SCENA VII

PEDRO e ALFREDO

PEDRO (*que entra com Alfredo como que continuando uma conversa*)

Reconheço que é indispensavel que partas: pesa sobre ti a maior das responsabilidades. Fraquejas?! pois, muito bem,

— eu seria o primeiro a fazer-te saltar os miolos, se amanhã perjurasses.

ALFREDO

Era mal empregada a bala, se fizesse o que suppões. Mas não te darei esse trabalho — está certo d'isso.

PEDRO

Muito bem. É necessario que esclareças agora teu pae e que lhe peças a licença devida. O governo põe um navio á nossa disposição. Nada falta. Adiar a partida seria um contrasenso.

ALFREDO

É tambem o que creio; e como isto é cousa decidida, tractemos desde já de liquidar os meus negocios. Uma só cousa me preocupa: — meu pae e mais ainda — minha irmã. É toda a minha familia. Educado sempre com um amor extremado, vejo que não me posso desligar completamente d'uns restos d'isso que para ahi chamam — sentimentalismo!

PEDRO

Nem sei que isso seja em ti um defeito, pelo contrario o amor da familia é uma das perolas mais brilhantes e de mais valor do escriptorio dos sentimentos.

ALFREDO

Gosto de te ouvir dizer isso, a ti, que és um espirito tão

illustrado como positivo. Mas ouve. Sabes perfeitamente que meu pae, velho e austero liberal, tem um affêro ás ideias monarchicas, que chega a ser quasi loucura. O jornal que ha tanto tempo elle dirige *O Espartano* depois dos movimentos revolucionarios que se manifestaram em alguns pontos do paiz, tornou-se notavel pela sua critica violenta contra os homens que entraram nelles. Ora, se meu pae descobrir intuitos politicos nos *voluntarios academicos*, se elle estiver convencido de que é o credo republicano aquelle que inspira os nossos enthusiasmos e os nossos arrebatamentos, duvido que me ceda a licença precisa para partir para a Africa.

## PEDRO

Tambem tenho o meu receio; e se ainda t'o não disse, é por não querer sobresaltar-te. Os velhos, meu amigo, custam muito a desprender-se das suas ideias mais queridas, precisamente aquellas que lhes embalaram o berço. Teu pae foi um apostolo convicto das crenças liberaes, ás quaes sacrificou todos os prazeres e todas as alegrias. Bella mocidade, essa, que prefere aos gozos da sociedade as luctas e os perigos d'um campo de batalha! Quando D. Pedro IV, um dia, no cerco do Porto passavã revista, aos seus fieis soldados, depois de uma refrega medonha, encontrou ali um mancebo que lhe despertou a attenção; tinha a farda de simples soldado chamuscada, o bonnet varado por uma balla e sustentava a espingarda gloriosa no braço esquerdo... — Olá, meu rapaz, isso é contra a ordem. — Peço licença a V. M., respondeu elle, apresentando-lhe o braço direito apertado em ligaduras, peço licença a V. M. para me deixar servir assim. Ainda tenho o braço esquerdo em bom estado. Sabes com quem se deu este facto? Com teu pae. Já vês que estou habilitado a conhecê-lo tão bem como tu.

ALFREDO

Sendo assim, nós dois tentaremos destruir as dificuldades, se algumas suggerirem...

PEDRO

Perfeitamente d'accordo.

ALFREDO

Meu pae não tardará ahi; vou fallar-lhe terminantemente, sem rodícios; veremos pela resposta que dá, o que é necessario fazer. (*ouvem-se passos*) Espera, sinto passos... Deixa-me só. (*Pedro sahe*)

## SCENA VIII

ERNESTO e ALFREDO

ERNESTO

Ah! estás aqui, Alfredo. Ainda bem. Precisamos fallar; chega-te para junto de mim e senta-te, que vamos conversar como velhos amigos. (*sentam-se e após uma pausa*) Como velhos amigos, a quem nenhum segredo se encobre. Não te sobressaltes, que não vou exigir-te uma confidencia, mas um coração de pae não soffre em silencio ver padecer um filho...

ALFREDO

Padecer, ... mas...

## ERNESTO

Sim! padecer. Pelas tuas cartas de Coimbra e pelo pouco que já te ouvi conheço que entraste numa nova phase de vida. Vejo-te sempre preocupad; ; nisso te pareces com-migo, mas eu tenho razão. Vão-me abandonando as forças dia a dia; sinto o cerebro cansado; o coração ameaça parar-se como a mola que perdeu a elasticidade.

## ALFREDO

Peço-lhe que não diga isso, meu pae. A sua idade, o seu vigor atraíçoam felizmente as tristes palavras que acabou de pronunciar.

## ERNESTO

O meu vigor, onde está? desconheces por ventura o meu passado? ignoras que quando eu tinha a tua idade havia já adquirido em campos de batalha o galardão que desejam os mais ambiciosos? Orphão aos 11 annos, vi-me cheio de desespero e rodeado de difficuldades. Luctei como um louco para ser homem de bem, para viver honestamente. Vivia sem affectos, sem ambições. Por felicidade meus paes legaram-me o bastante para ser independente. Chamavam-me orgulhoso. É assim o mundo. Não transige senão quando é adulado. E eu não adulava. Vieram as luctas civis. Parti a reunir-me aos batalhões liberaes; era o egoismo que lá me conduzia; andava farto da vida e tinha ambição de morrer, luctando! tive o meu baptismo de sangue no cerco do Porto. Algumas medalhas que conservo suspendeu-m'as da farda o chorado D. Pedro. (*vivo*) Soberba epopéa a que escreveram os soldados portuguezes com a ponta das suas espadas... Um acaso providencial deparou junto do meu leito de enfermo

uma figura suave de mulher, que parmanecerá eternamente gravada na minha memoria com toda a sua candidez de virgem, com todo o seu amor de esposa e com todo o seu desinteresse de mãe.

ALFREDO

Saudosa mãe!

ERNESTO

Bem saudosa, na verdade. Que a tua lembrança a cubra de bênçãos, como a minha a orvalha de lagrimas. Lá pelos teus livros has de ter lido certamente muitos casos de heroismo, de abnegação e martyrio, praticados por mulheres. Tudo isso teve tua mãe em gráu elevado, como o demonstrou na sua curta existencia. Viveu pouco — pobre martyr. Um dia a fatalidade estendeu as suas negras azas sobre o pacifico lar, que nenhuma infelicidade até alli empanára, e roubando o anjo que era a paz, a alegria e o conforto dos que o rodeavam, deixou em seu logar mais alguma cousa que um vacuo, mais alguma cousa que um abandono!

ALFREDO

Peço-lhe, meu pae, que acabe com essas dolorosas recordações. A memoria de minha saudosa mãe vive no meu espirito e no meu coração religiosamente, como um relicario bem-dicto. Que razões para avivar uma chaga que sangra ainda?

ERNESTO

Deixa-me viver do passado, já que d'um futuro tranquillo tu trabalhas por me privar.

ALFREDO

Eu?!

ERNESTO

Tu, sim. Soube agora minuciosamente o que nem tu nem o teu amigo Pedro me quizeram dizer. Com que então tu querias abandonar-me a mim e a tua irmã, que, — coitadinha! — ficará para ahí só qualquer dia?! Sim! tu queres ir para a Africa, mas se amanhã eu morrer, quem será o amparo de tua irmã?

ALFREDO (*gravemente*)

Meu pae! peço-lhe que não invoque motivos para abandonar o meu dever. Ha dias em Coimbra eu fiz o juramento solemne de que acompanharia como chefe o *batallão de voluntarios academicos*. Nós dirigimo-nos á Africa para vingar o bom nome de Portugal. A Inglaterra tem concentrado algumas forças juncto dos nossos territorios. É preciso demonstrar a esses vampiros implacaveis que os soldados portuguezes não temem as suas ameaças. Agora o que me resta é pedir o auxilio do céu para esta empreza gloriosa; de meu pae sollicito a licença precisa.

ERNESTO

Sinto muito não t'a poder conceder. Se tens deveres a cumprir, eu tambem tenho os meus, e sobre mim não impende menor responsabilidade que sobre ti. A tua empreza é simplesmente uma utopia. É procurar uma morte ingloria, um novo genero de suicidio, o querer na tua idade, com as tuas forças e o genero de educação que tiveste, ir para a Africa. Não julgo só inutil, julgo chimerica a vossa empreza. Sendo isto verdade, e sendo por outro lado verdade tambem

que a tua familia exige o concurso das tuas forças para o seu bem estar, julgo cumprir o meu dever, dizendo-te categoricamente que te recuso a licença que pedes. Mais ainda: prohibo-te expressamente que tornes a fallar em semelhantes assumptos. (*levanta-se bruscamente*)

ALFREDO (*que se levantou ás ultimas palavras do pae*)

Pae! appello para o seu passado glorioso, para o seu cora-ção de velho portuguez, para as suas lembranças heroicas de soldado. Eu tomei um compromisso solemne; tenho o meu sangue, mais do que isso, a minha reputação — ligada a esse compromisso. Novamente reitero o pedido de ir batalhar ao lado dos meus companheiros de trabalho na Africa e contra os inglezes!

ERNESTO

E eu reitero a recusa. (*approximando-se d'elle e bondoso*) Valha-te Deus, Alfredo. Queres ir para a Africa?! tu calculas bem o perigo d'essa viagem e d'uma estada demorada naquellas regiões inhospitas! E havias de deixar teu pae, velho, cançado, vendo constantemente abertas diante de si as portas do cemiterio? que ha de ser de tua irmã, só, no meio da devassidão do mundo, pura como os anjos, innocente como as creanças? queres vir enconral-a de volta d'essa viagem ingloria numa casa de prostituição? (*energico*) Ah! não! não! não me falles mais nisso.

ALFREDO

Oh! não me diga isso, pae. Deixe-me partir fortificado com a sua benção, animado pelos seus conselhos, embalado com as suas esperanças. Deixe que minha irmã me anime

com o seu sorriso faguciro e doce, que ella recordará nesse instante supremo da minha existencia a figura saudosa de minha mãe. Ella fará as vezes da que me deu o ser e eu tenho confiança de voltar então, mais digno do seu nome, oh! sim! mais digno do seu nome — tão immaculado e tão puro! *(como o velho abana negativamente a cabeça, Alfredo ajoelha)* Pae! em nome da saudosa memoria de minha mãe — que eu invoco pela primeira vez na minha vida e que será tambem a ultima — em nome de minha saudosa mãe, peço-lhe que satisfaça ao meu pedido!

ERNESTO *(com esforço)*

Não! já te disse que não.

ALFREDO *(levanta-se e, erecto deante do pae, como que pesando as palavras, diz)*

Paciencia! Invoco o nome de Deus em como tenho a consciencia de que pratico um dever. A desobediencia é sagrada neste caso. Meu pae! partirei para a Africa. Chama-me lá o dever, a honra, o juramento sagrado que fiz. Não é a ambição, nem a gloria, nem o egoismo, juro-o. Não olho ao sacrificio; elle impõe-se-me. Desde que Portugal precisa de homens que o defendam, é criminoso ficarmos de braços cruzados a lamentar a desgraça da Patria sem fazer mais nada. O que eu faço, o que fazem os estudantes portuguezes, organisando-se em *batalhão de voluntarios* para defeza do nosso Paiz, é o que em circumstancias eguaes têm feito os estudantes da Russia, da França, da Allemanha, de todos os paizes, emfim! Se morrer em Africa, alguém me vingará; se não morrer, voltarei tranquillo, como alguém que cumpriu o de-

ver mais sagrado. O dever mais sagrado para mim — agora — é realizar o meu juramento. Se partir sem a sua benção, nem por isso as minhas lembranças deixarão de ser para si e para minha irmã.

ERNESTO

Recusas então obedecer-me? Pois será preciso ainda que passes por cima do meu cadaver para cumprires o teu desígnio. *(já entre as portas)* Ha de ser muito afortunada a espada d'um filho que tem a maldicção de seu pae! veremos quem vence. *(sahe)*

## SCENA IX

ALFREDO e ERNESTINA

ERNESTINA *(entra pé ante pé e chega ao irmão, que tem ido encostar-se a uma meza, onde fica silencioso)*

Alfredo! *(batendo-lhe no hombro)* Alfredo!

ALFREDO *(como que despertando)*

Ah! és tu, Ernestina?

ERNESTINA

Como estás pallido! bem mostras que soffres muito! oh! peço-te que me digas se estás doente, que isso inspira-me muitos cuidados.

ALFREDO

Não tenho nada: tu bem vês que estou perfeitamente bom. Obrigado pelo teu cuidado, mas repito-te: não tenho nada.

ERNESTINA

Quem dera que isso fosse verdade! infelizmente tudo em ti demonstra o contrario. Ha seja o que for de extraordinario que tu me queres occultar. Mas peço-te que me digas tudo. Tenho coragem para soffrer, — affianço-te que tenho.

ALFREDO

Alguma vez te será precisa, talvez bem depressa, essa coragem que dizes ter. O paç está velho, muito abatido e muito cançado: é necessario que tu continues a ser, para elle, como até aqui, o seu amparo, o seu grande conforto. Olha, Ernestina, tu bem sabes que a nossa vida de familia tem sido relativamente feliz.

ERNESTINA

Sim: se a nossa boa mãe existisse, nada teria de que me queixar. Era tão boa... de sorte que essa orphandade trouxe o que quer que seja de melancholico, como nas tardes poeticas da Primavera uma pequena nuvem tolda, por vezes, a limpidez do céu azul.

ALFREDO

Tens razão, tens, mas Deus deixou-nos um reflexo da sua bondade em ti — minha querida irmã. (*pegando-lhe na mão, com ternura*) Olha! peço-te, muito, muito, que sejas bem

amiga do pae. Elle merece-o, e é preciso que tu dês por dois, visto que eu trago a esta casa mais desgostos que alegrias.

ERNESTINA

Como? Ah! bem sei que não estás convencido do que dizes. Por Deus não digas que nos tens dado desgostos; bem pelo contrario, o pae sempre tem elogiado o teu procedimento. Cumpridor dos teus deveres, submisso ás ordens que te tem dado, nunca teve a menor queixa a fazer-te.

ALFREDO (*pensativo*)

Sempre submisso... (*aparte*) Oh! é preciso que isso acabe. (*alto*) Mas... nem me lembra já de que estavamos conversando.

ERNESTINA (*alto*)

Ora, de nada de importante. Estás hoje muito pessimista, meu bom Alfredo. Precisas distrahir-te. Quando voltas tu para Coimbra?

ALFREDO

Quando volto? não te sei responder. A Universidade provavelmente já não abre est'anno. Teme-se de momento a momento uma revolução no paiz com o intuito de implantar a republica.

ERNESTINA

Deus nos livre d'esse perigo, Alfredo. O pae anda tão preocupado com essas cousas, que recioo muito pela sua saude... E depois, tem tantos inimigos!...

..

ALFREDO

Descança, que nenhum mal lhe farão. Se o pae é monarchico, eu sou republicano; e póde ser que neste caso as creanças do filho salvem a vida do pae.

ERNESTINA

Tu és republicano, Alfredo?

ALFREDO

Sou sim, minha creança. Assustas-te? ah! não julgues que deixo de ser bom por isso. É que tu não sabes que foi precisamente a minha bondade que me levou a abraçar esse grande partido do amor.

ERNESTINA

Mas a gente que aqui veio a nossa casa para matar o pae não pertence a esse grande partido... *do amor*, como tu dizes?

ALFREDO

Não, minha querida. A gente que tu ahí viste é de todas as epochas e de todos os paizes. Está sempre prompta para perturbar o socego d'uma sociedade. É como a vasa depositada no fundo d'um copo cheio de agua, que, em se agitando, perturba todo o liquido. Não tens, por isso, motivos para te assustares. O que eu quero é que tu continues a ser o bom anjo da nossa casa. Deixa as luctas a quem de direito pertencem. A tua missão, por ser mais pacifica, não é menos necessaria.

## ERNESTINA

Toda a minha aspiração é concorrer na medida das minhas forças para a tua felicidade e do pae. Dava a minha vida por vos ver felizes.

## ALFREDO

Bem se vê que herdaste de nossa mãe os seus bellos sentimentos. Quem sabe se muito em breve terás que os pôr em acção? Olha, minha irmã, é necessario estarmos prevenidos para tudo; esperar o melhor, é certo, mas resignarmo'-nos com o que vier. Ter fortaleza nas occasiões de perigo é tambem uma grande virtude.

## ERNESTINA

As tuas palavras presagiam um futuro triste. Vejo nellas mais que conselhos, descubro prevenções. Tu queres acautelar-me contra alguma desgraça que está para nos succeder. Mas se assim é, porque não me descobres o que ha?

ALFREDO (*confundido*)

Descobrir... mas... valha-me Deus!... se não ha mysterios nenhuns!... (*bruscamente*) É verdade! suppõe por um momento que eu partia agora para... para... Coimbra, vá lá, e que não vinha a férias durante dois ou tres annos?...

## ERNESTINA

Tres annos! Jesus! então porque não havias de vir a todas as ferias como de costume?

ALFREDO

Suppõe que havia necessidade, uma imperiosa necessidade de lá ficar?!

ERNESTINA

Estás a brincar com certeza! (*com alegria*) E de mais a mais só te falta um anno para acabares o teu curso de direito.

ALFREDO

Pois sim! mas isto é uma hypothese. Disse Coimbra, como podla dizer Madrid, Pariz, o Brazil, a Africa, emfim, qual-quer parte, a questão é de ausencia.

ERNESTINA

Não me posso acostumar á ideia d'uma demora tão prolongada; no emtanto, se fosse necessaria, não haveria outro remedio senão resignar-me. Mas o pae...

ALFREDO

Ha de pensar, e com certeza se não opporá. Olha, se elle te disser alguma cousa a respeito d'uma viagem que eu tenho a fazer, mostra-te corajosa e advoga a minha causa. Elle já sabe, elle sabe tudo. Adeus.

## SCENA X

ERNESTINA e PEDRO

ERNESTINA

Não sei o que me adivinha o coração. Sinto uma pressão tão grande sobre o peito! Ah! meu Deus! esta conversa martyrizou-me. Vejo-me rodeada de perigos, sósinha, abandonada. Fallei muito em coragem; mas eu bem sei que sou incapaz de encarar a sangue frio uma desgraça que fira os meus! Depois, se eu tivesse mãe!... Oh! se a tivesse, como seria forte, como seria corajosa!... tendo-a ao lado, parece-me que seria capaz de arrostar com todos os perigos. Mas assim!... *(depois de breve silencio principia a recitar, acompanhando-a a orchestra em surdina)*

«Minha mãe! minha mãe! que doce nome!  
Como encerra harmonias ideaes  
o nome e o coração de nossos paes!  
Fogem ao seu calor o frio e a fome,  
como do preciosissimo thesoiro  
que lagrimas converte em fios d'oiro.

Doce nome de mãe! que claridade  
não dás ainda hoje á escura noite,  
quando palpo na treva, em anciedade,  
um coração amigo, onde me acoite!

É difficil perder essa saudade  
que tenho dos meus tempos de creança!...  
então, que para mim a realidade  
só tinha as multicores da esperança!

Mas ha acima de tudo uma lembrança...  
Oh! essa não m'a faz perder ninguem!  
é nella que minha alma inda descança...  
— é a saudade purissima de mãe!»

PEDRO (*entra antes de terminar a recitação; Ernestina ao voltar-se dá de cara com elle que se conserva de braços cruzados*)

ERNESTINA (*sobresaltada*)

Ah! O sr. Pedro aqui!...

PEDRO

É verdade, minha sr.<sup>a</sup>, vim attrahido pela musica da sua voz; muito obrigado! muito obrigado! (*desce*) Diz Eugenio Pelletan no seu livro — *A mãe* — que, tendo alguém servido a uma apsara um copo de veneno, ella o mudara em ambrosia, logo que lhe tocou com os labios. Esses versos não são um veneno; bem ao contrario, esse trecho é um dos mais suaves que conheço. Mas v. ex.<sup>a</sup> duplicou-lhe o valor.

ERNESTINA

Lisongeiro!

PEDRO

Oh! não! não o sou. Não sei que melodia têm esses versos, para me produzirem uma commoção tão funda! Tenho-os lido

muitas vezes, mas nunca como agora me senti tão abalado.  
E mais eu tenho mãe!

ERNESTINA

Calcule então por si o amor que eu lhes tenho! Não se traduz na palavra o sentimento que me anima; mas nem sei bem porquê, pareciam-me hoje mais bellos, mais suaves e brotaram-me tão espontaneamente...

PEDRO

O que eu lamento é ter sido tão importuno; por outro lado felicito-me de ter vindo tão a proposito de a poder ouvir, porque ha precisamente dez mezes que nos separámos para só agora nos tornarmos a encontrar.

ERNESTINA

Vejo que o sr. Pedro se não esqueceu dos poucos dias que passámos junctos em Espinho.

PEDRO

Esquecer-me?! como queria v. ex.<sup>a</sup> que me esquecesse depois do sentimento que em mim nasceu? Sim! esqueci-me facilmente dos prazeres e divertimentos a que anda annexa a vida das praias, dos bailes e dos passeios, das lisonjas de muitos, das cortezias de todos; mas o que não pude esquecer foi essa figura suave de mulher que eu encontrava, ou por noites estrelladas ou por manhãs claras, sempre embebida na majestosa belleza do mar! Ah! eu logo adivinhei que não havia em v. ex.<sup>a</sup> uma mulher vulgar.

ERNESTINA

Pois não me parece que fosse muito exacto na sua descoberta. Que ha em mim de extraordinario?

PEDRO

Póde não haver nada para os outros: para mim ha tudo. Não direi a v. ex.<sup>a</sup> que a natureza parece ter concentrado todas as graças na linha ondulosa do seu corpo. Sou medico — e como v. ex.<sup>a</sup> sabe — o medico é pouco costumado a fazer madrigaes.

ERNESTINA

Sendo assim constitue o sr. Pedro de Vasconcellos uma excepção, porque desde que aqui entrou parece-me que não tem feito outra cousa.

PEDRO

Perdão! se madrigal é synonymo de verdade...

ERNESTINA

No *codigo do amor* certamente não.

PEDRO

Nesse caso...

ERNESTINA

Nesse caso o sr. Pedro fallou como poeta e não como medico.

PEDRO

Não me admira d'essa transformação. Simplesmente eu sou o menos culpado. Foi v. ex.<sup>a</sup> a minha musa inspiradora e a partir do primeiro dia em que nos encontramos. Bem me dizia o Alfredo: nem tudo cai debaixo do escarpello!

ERNESTINA

Ninguém mais competente para afirmar isso do que o sr. Pedro. Mas visto que fallou em meu irmão, desejava pedir-lhe um favor.

PEDRO

Que pedirá v. ex.<sup>a</sup> que eu não faça? ainda que exigisse de mim os maiores sacrificios tudo faria por si.

ERNESTINA

Muito obrigada; mas trata-se d'uma cousa bem simples: queria que me dissesse se o Alfredo está para fazer alguma viagem perigosa, alguma viagem grande...

PEDRO

Ah! sem duvida alguma que está—grande, é certo, mas perigosa, não.

ERNESTINA

E para onde?

PEDRO

Para a Africa, minha sr.<sup>a</sup>

## ERNESTINA

Ah! meu Deus! O coração adivinhava-me. Vou procural-o immediatamente, que é forçoso dissuadil-o d'essa arriscada empreza. (*sahe*)

## SCENA XI

## PEDRO

Mau, mau: Vejo que se complicam muito os negócios do Alfredo. Vai ter dissabor serio. Todavia, recuar é impossivel. O juramento solemne que fez obriga-o a avançar. Se transigir com a familia, joga nessa cartada a sua reputação, isto é, a tranquillidade da sua consciencia, o seu bem estar. Se parte, o abalo que tal resolução vai produzir no animo dos seus pôde ser bastante perigoso. E todavia que futuro tão risonho o d'este rapaz, adorado pela geração academica do seu tempo, cheio de talento e de brios! Ir á Africa antolha-se um perigo irremediavel—quanto mais pensar que uma pessoa querida vai expôr o peito ás balas de inimigos ferozes. Ah! se isto assim é hoje, como não seria no tempo em que os nossos galeões abriam as portas d'ouro do Oriente ao mundo maravilhado! (*pausa*) De resto, tem razão esta gente, o sentimento da familia é muito forte para ser vencido sem grandes luctas! (*sahe*)

## SCENA XII

ALFREDO e FILIPPE

ALFREDO

À recusa formal d'um pae vêm juntar-se agora as lagrimas enternecedoras d'uma irmã. (*vai approximar-se da secretaria, mas nessa occasião entra Filippe esbaforido, chorando em estado de grande afflicção*)

FILIPPE

Sr.! sr.! Alfredo... grande, ai! Nossa Senhora me valha!... grande... desgraça..,

ALFREDO (*sobresaltado*)

Hein?! que diabo estás tu a resmungar? que foi? (*pausa*) vamos! que ha de novo?

FILIPPE

Foi... na... na... quando eu ia na rua!... ai!... vinha tudo a fugir e ouvi tiros e vai...

ALFREDO (*afflicto*)

Que palerma! vamos! que houve? onde está meu pae? aconteceu-lhe alguma desgraça?

FILIPPE (*idem*)

Sim! sr.! eu vinha... e depois ouvi dizer que o tinham... que... que... o tinham...

ALFREDO (*agitado*)

Hein! que o tinham?!...

FILIPPE (*atrapalhado*)

Morto!

(*Mal ouve isto Alfredo sahe, empurrando o creado que cahe no chão*).

### SCENA XIII

PEDRO e FILIPPE

PEDRO (*ao entrar e deparar com o creado no chão, solta uma grande gargalhada; mas de repente repara que o creado chora, e suspende-se confundido*)

Palavra d'honra, que não percebo nada! parece-me que o creado chora, mas não pude conter uma gargalhada ao ver um typo tão comico. Vejamos. (*dirigindo-se ao creado, que se tem levantado*) Que é que succedeu cá em casa?

FILIPPE

V. sr.\* importa-se bem com isso! uma tão grande desgraça!

PEDRO

Mas que foi? (*pausa*) que foi? hein?

FILIPPE

E v. sr.\* a rir-se...

PEDRO

Qual riso, nem qual demonio? dize lá o que ha...

FILIPPE

E de mais a mais dizendo-se amigo do patrão!...

PEDRO (*dirigindo-se para elle furioso*)

Tu dizes ou não dizes? vamos lá a saber: succedeu cá algum desastre?...

FILIPPE

E não foi pequeno... (*vai para sahir*)

PEDRO

Este alarve quer moer-me a paciencia! (*puxa-o até ao fundo da scena*) Então?

## SCENA XIV

OS MESMOS e ERNESTINA

ERNESTINA (*correndo a Pedro como louca*)

Oh! sr. Pedro, venha salvar meu pae.

PEDRO

Mas que foi?

ERNESTINA (*cahindo-lhe aos pés*)Oh! pelo amor de Deus... pelo nosso amor, venha salvar-o, Pedro! (*levanta-se e tomando-lhe violentamente o braço sahe*)FILIPPE (*acompanha-os, chorando*)

Que fatalidade, meu Deus, que fatalidade!

## SCENA XV

NORONHA (*entra a medo, espreitando tudo*)Perfeitamente; tem corrido tudo ás mil maravilhas! O velho quasi morto, se não morto; na idade d'elle... hum!... e que bello murro! nem um marujo de profissão, puxado, tezo, assim! (*faz menção de que joga um murro*) rico murro!

raio de velho; está prompto! agora as cousas fiam mais fino. Trata-se nada menos de engaiolar um melro! bonita ave, sim sr.! e prende-se pelo bico; já lá está a denuncia: d'aqui a pouco entram-me para'hi dois ginjas e toca lá par'o estarmos: depois... depois... ah! Ernestina! Como tu podias evitar tudo isto! Tambem deixal-o. Não venci d'um modo, venço do outro. Olé... (*applicando o ouvido*) lá vêm os gajos. Vamos á grande scena; é preciso assistir a ella detráz dos bastidores, para se ignorar d'onde vem a pancada. Toca a pirar.

## SCENA XVI

PEDRO, ERNESTINA, ALFREDO e NORBERTO

PEDRO (*a Ernestina*)

Uma simples syncope, afinal, mais demorada em virtude da pancada que lhe deram ser bastante forte; quem quer que foi deve ter musculatura d'aço.

ERNESTINA

Que malvado!

ALFREDO

Admira-me que num motim onde iam tantas pessoas, houvesse uma só mão brutal!...

PEDRO

E todavia nada ha mais certo; porque num exame minucioso a que procedi tomei a convicção d'isso.

ALFREDO (*sorrindo*)

Nem eu duvido, caro doutor.

NORBERTO

O caso explica-se talvez por uma ideia que me acaba de ocorrer.

TODOS

Qual?

NORBERTO

V. ex.<sup>a</sup> não diz, sr. Alfredo, que tem um inimigo terrível — o tal Lagosta!...

ALFREDO

Lembrei-me d'elle; mas não me consta que esteja em Lisboa.

PEDRO

Quem sabe? o morcego voa nas trevas. É necessario investigar; a pancada foi dada, segundo dizem, quando o sr. Ernesto sahia da redacção. É, pois, verosimil que o *Espartano* é que originou este desastre.

ALFREDO

Sim. O que é necessario é que meu pae deixe esse maldito jornal que tantos dissabores lhe tem causado.

ERNESTINA

Sim. O que é necessario é que tu abandones a ideia de

partires para a Africa como chefe dos voluntarios academicos. Isso não lhe tem causado menos dissabores.

ALFREDO (*exaltado*)

Oh! Por Deus! não me falles nisso. O Destino parece que quer ser inexoravel para commigo; hei de ser inexoravel para com elle!

NORBERTO

Baldada lueta!

### SCENA XVII

OS MESMOS e ERNESTO

(*Ouve-se rumor; Ernesto apparece amparando-se ás paredes, livido, cambaleante; todos correm para elle.*)

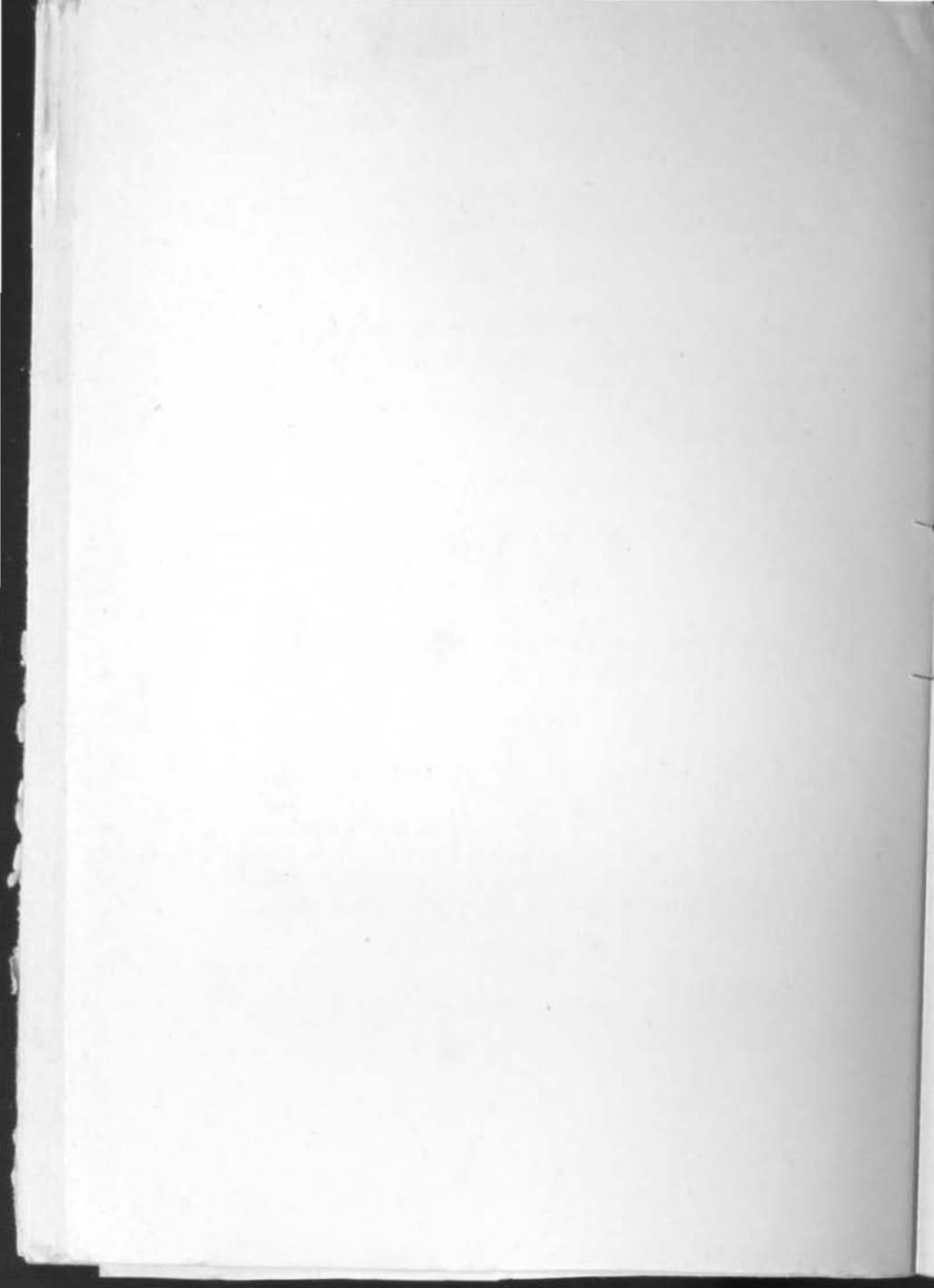
ERNESTO

Quero ver mais uma vez o filho desobediente... aproxima-te, Alfredo; parece que me falta a luz... e o ar... sinto que desfalleço... querias a minha benção; não t'a dou, mas dou-te o adeus derradeiro... (*ao tirar a mão da parede, cambaleia. Ernestina, Pedro e Norberto correm a amparal-o. Nesse momento dois policias entram e, agarrando Alfredo, diz um d'elles*):

POLICIA

Está prezo!

..



## ACTO II

### SCENA I

PEDRO e NORBERTO

PEDRO

Que resultados deram as suas investigações?

NORBERTO

Nenhumas, absolutamente nenhuma. Ninguém viu, nem ouviu cousa alguma. O tumulto era enorme; de sorte que era facil a qualquer vibrar a pancada e esconder-se.

PEDRO

V. ex.ª deu parte á policia?

NORBERTO

Dei e com o interesse que pôde imaginar. Além d'isto tenho relações muito intimas com o commissario e fiquei com

a plena certeza de que se empregaram todos os meios. Uma indiscrição do nosso amigo. Se não tem descido á rua, nada d'isto acontecia.

PEDRO

O jornal acaba então definitivamente?

NORBERTO

Ah! de certo. Sustental-o-hemos até ao fim do mez, o mais tardar.

PEDRO

Sim. É indispensavel. O descanso moral é-lhe talvez agora mais necessario que o descanso physico.

NORBERTO

É verdade, caro doutor. As suas susceitas relativamente ao doente confirmaram-se?

PEDRO

Por emquanto não.

NORBERTO

De modo que...

PEDRO

De modo que tel-o-hemos em convalescença dentre em breve.

NORBERTO

É dever nosso trabalhar por adquirir a esta familia a sua antiga tranquillidade.

PEDRO

Tenho pensado o mesmo. Infelizmente vejo os horizontes muito turvados. Está longinqua ainda a estrella da bonança.

NORBERTO

Adivinho a que se refere. Isso significa que não ha esperanças de tirar o Alfredo da infame prisão em que o encerraram vai para dois mezes?

PEDRO

Desgraçadamente assim é.

NORBERTO

Apezar de tudo é preciso não desanimar. Vamos fazer nova tentativa. (*sahem*)

## SCENA II

ERNESTINA

Meu Deus! meu Deus! como me é insupportavel a vida! Chego a ter momentos de verdadeiro desespero, d'esse desespero que arrasta ás ultimas loucuras! nunca me vi tão só, tão abandonada! Por um lado meu pae doente — quem sabe se para sempre... por outro, meu irmão preso como um malvado, e quem sabe tambem até quando!... Ah! hei de lutar até poder. Creio que ha seres destinados ao soffrimento, como os ha destinados á felicidade. Eu pertenco ao numero

dos primeiros. E, por isso, necessario colher na propria desgraça motivos para a vencer.

### SCENA III

ERNESTINA e FILIPPE

FILIPPE

Minha sr.ª, está alli fóra um sujeito que deseja fallar a v. ex.ª

ERNESTINA

A mim?! disse o nome? quem é?

FILIPPE

Não o conheço, nem sei quem seja. Disse que não entregava cartão por lhe ter esquecido em casa.

ERNESTINA (*á parte*)

Oh! adivinha-me o coração que é elle. Como evitar isto?! (*ao creado*) Dize-lhe que não recebo, ou antes que não estou em casa.

FILIPPE

Sim, minha sr.ª (*sabe*)

## SCENA IV

NORONHA e ERNESTINA

NORONHA (*que ouviu as palavras de Ernestina*)Sempre amavel, sr.<sup>a</sup> D. Ernestina.

ERNESTINA

Oh! o sr.! o sr. aqui! em minha casa!...

NORONHA

Que exclamação tão intempestiva! que ha de mais natural que procurarem ver-se duas pessoas que se estimam e que uma longa ausencia conservou separadas?

ERNESTINA

Oh! affianço-lhe que ha de pagar caro o seu atrevimento.

NORONHA

Nem outra cousa eu espero da bondade de v. ex.<sup>a</sup> (*Ernestina encaminha-se a uma meza para tocar uma campainha, Noronha presente-o e pondo-se-lhe na passagem*) Então? quer chamar alguém? dou a minha palavra de cavalheiro que vim aqui de proposito para fallar com v. ex.<sup>a</sup>

ERNESTINA

Creio que não veio a minha casa para me dar ordens!...

NORONHA

Não me julgo digno d'essa honra!

ERNESTINA

Faço-lhe eu a de o suppor capaz de as receber.

NORONHA (*ironico*)

Que mandará v. ex.<sup>a</sup> que eu não faça?!

ERNESTINA

Muito pouco: unica e simplesmente que se retire.

NORONHA

Uma intimação em fórma pelo que vejo?...

ERNESTINA

Como estou costumada a fazel-as aos meus criados.

NORONHA

Bella phrase... de castellã medieval! velha para a epocha e para a pessoa a quem é dirigida, ha de concordar.

ERNESTINA

Repito o que lhe disse: não lhe permitto uma só phrase na minha presença. Intimo-o a sahir. (*energica*) Saia! sr.! se conserva uns restos de dignidade, é em nome d'ella que lhe imponho esta intimativa.

NORONHA (*cruzando os braços*)V. ex.<sup>a</sup> desconhece para quem falla!

ERNESTINA

Saia, sr.! saia... se não...

NORONHA

Saio, mas... quem mais perde não sou eu: affirmo-lhe que não. Veja: venho trazer-lhe noticias de seu irmão.

ERNESTINA

De meu irmão?!

NORONHA

Estive com elle não ha ainda meia hora.

ERNESTINA

Oh! então, diga, diga depressa!...

NORONHA

Para que?! Que diabo! vamos devagar, que devagar se

vai ao longe. Antes de mais nada, v. ex.<sup>a</sup> deve saber que, se eu ando mettido n'este negocio da sua familia, não é, como diz o povo, de amor ingrato. Alguma cousa ha que me arrasta a supportar todas as humilhações, a soffrer todos os vexames, a desprezar todas as calumnias!...

ERNESTINA

Mas...

NORONHA

Sim! alguma cousa ha mais poderosa que o interesse, mais cega que o desejo, que me feriu apezar da minha couraça de indifferença. V. ex.<sup>a</sup> sabe o que é, porque durante tres annos deve tel-o adivinhado.

ERNESTINA

Mas que relação tem isso com meu irmão? Dê-me noticias d'elle, e depois...

NORONHA

Já lá vamos. V. ex.<sup>a</sup> deve, pois, estar informada a meu respeito de modo a não ter duvidas. Têm-lhe dito, eu sei, que sou um cynico, um canalha, um ente desprezível. Sim! poderei sel-o; mas foi o mundo que me fez assim. Foi a falsa amizade d'uns, o egoismo de outros, o desprezo da maior parte, que me creou esta atmospherá de desprezo em que sou obrigado a viver.

ERNESTINA

Oh! por quem é! Peça-lhe que termine...

NORONHA (*sem attender*)

Fez-me assim o mundo. Eu não tive culpa. Tive, como v. ex.<sup>a</sup> poude ter, uma mãe carinhosa... mas morreu-me, ah! bem cedo! coitada! Vê, por tanto, que sou mais desgraçado que criminoso, mais infeliz que máu! Mas, v. ex.<sup>a</sup> sabe que um raio de sol extrahe muitas vezes d'uma pouca de lama uma gota de agua crystallina, e sabe tambem que o Christo fez de Magdalena uma santa.

ERNESTINA

Isso quer dizer que...

NORONHA

Que v. ex.<sup>a</sup> pôde operar o mesmo milagre.

ERNESTINA

E como?

NORONHA

Amando-me. (*a Ernestina que recua de susto*) Ah! ah! assusta-se. Logo vi que devia dar esse resultado. (*à parte*) Gastemos o ultimo cartucho! (*alto*) Pois, minha sr.<sup>a</sup>, eu sei que o amor se não decreta; mas é que, como disse ha pouco, ha uma terceira pessoa que lucra com uma pequena transacção que v. ex.<sup>a</sup> queira fazer.

ERNESTINA

Transacção?!

## NORONHA

Sim! para dizer isto em duas palavras, sem rodeios, de maneira que nos entendamos: — em troca do amor de v. ex.<sup>a</sup> offereço a liberdade de seu irmão... a liberdade... de... seu... irmão!

## ERNESTINA

Percebo-o. Propõe-se libertar meu irmão, escravizando-me a mim! sim! sr.! bellissima alma! generoso coração! Estupida que eu sou, que concebi ainda um raio de esperança, partido da lama do seu ser! Ah! julgava vir encontrar em mim uma mulher subjugada, não é verdade? Ignora, então, que o sofrimento me endureceu nestas luctas?!... Oh! amo meu irmão — Deus sabe com que amor o amo! — mas não quero por tal preço a sua liberdade: se tal fizesse, seria indigna de ser a irmã de Alfredo da Cunha! (*energica*) Rua! senhor! e grave bem na memoria que a filha de Ernesto da Cunha é alta de mais para servir de pedestal aos seus infames desejos. (*Ernestina sahe deixando Noronha como que subjugado*)

## SCENA V

## NORONHA

Venceste-me! venceste-me! ajustaremos as contas! Fui subjugado miseravelmente... Não sei para que me serve esta indiferença, característica da minha personalidade! andar tantos annos a forjar uma arma que quebrou ao mais pequeno choque! amontoar odios sobre odios, em cima dos alicerces abertos no mais profundo do meu ser, cimentar tudo

com os desprezos, os sarcasmos, as gargalhadas infames de tanta gente, e depois de ter este edificio levantado á custa de tanto trabalho e de tanta fadiga, vel-o cahir!... e como?... ao sopro d'uma mulher! Oh! hei de vingar-me! vingar-me, seja como fôr e por que processo fôr! dizem que ha uma arma que mata no silencio, — o punhal!... Conheço muito melhor — a calumnia! sim! a calumnia viva, mordente, despedaçadora. (*mostrando varias cartas*) Oh! affianço-te, linda Ernestina, que hei de tirar uma bella desforra! oh! se hei de! Estas cartas valem mais que o veneno dos Borgias! Produzem effeito instantaneo e efficaz... Vamos experimentar desde já. Espera. (*sahe*)

## SCENA VI

PEDRO e ERNESTINA

PEDRO (*deparando com Ernestina, que entra por outra porta*)

Ah! ainda bem que a encontro. Venho dar-lhe uma noticia muitissimo alegre.

ERNESTINA

Estou já tão pouco costumada, sr. Pedro, que até desconho que isso seja verdade.

PEDRO

Pois pôde ter inteira certeza desde já: dou-lhe a boa nova de que vem ahi seu irmão.

ERNESTINA

Será possível, meu Deus?! mas, como? solto? Vem de todo para nossa casa?

PEDRO

Por enquanto, não; mas tenho fé de que será breve. O julgamento não tardará muito, e desde esse dia tel-o-hemos livre, visto que se ha de provar a sua innocencia.

ERNESTINA

Mas, então, estando preso?!...

PEDRO

Tudo se arranja. Sabe que elle tem estado incommunica-vel. Esse rigor baixou ha dias com a transferencia do director da prisão. Fui vel-o hontem, e logo me fallou em v. ex.\* e em seu pae. Disse-me que tinha esperanças de vir visital-os. Como? Só elle o sabe. Provavelmente subornando o guarda. O facto é que hoje annunciava-me radiante de alegria que á noite cá vinha ter.

ERNESTINA

Mas então deve estar a chegar?!

PEDRO

Não tardará muito, mas primeiro me encontrarei eu com elle. É claro que vem disfarçado: mas seguimos melhor juntos, para irmos observando tudo.

ERNESTINA

Receio algum perigo. Oh! peço que se acautelem immenso, que os inimigos vigiam-nos a todo o instante.

PEDRO

Não ha motivo para receios. Ha de correr tudo ás mil maravilhas. Deus nos ajude!

ERNESTINA

Creio nElle que assim será. Deixe-me ir participar ao papá esta nova tão satisfatoria. É o primeiro raio de sol que cá entra em casa depois de mezes. Muito obrigada, sr. Pedro. *(sahe)*

## SCENA VII

PEDRO

Infeliz creança! como eras digna de melhor sorte! admiro em tí a mulher meiga, ao mesmo tempo que a mulher corajosa; tens a bondade de Esther fundida na máscula coragem de Judith! Allias a suavidade do coração á pureza crystallina da consciencia; tens o estofo das grandes heroínas, que a historia regista nas suas paginas luminosas. Deus ha de premiar tanta bondade. O dia da rehabilitação ha de chegar. Até lá coragem para a lucta.

## SCENA VIII

NORBERTO e PEDRO

NORBERTO (*que ouviu as ultimas palavras*)

É realmente precisa para homens como o sr. essa coragem para que appella: a coragem da hypocrisia!...

PEDRO (*que se tem encaminhado para o cumprimentar, recuando*)

Sr. Norberto! creio que se engana...

NORBERTO

Oxalá que assim fosse, mas a realidade dos factos impõe-se com uma evidencia cruel. Já nada ha, hoje em dia, em que se possa acreditar. Falsearam-se todos os sentimentos. Mascaram-se todas as boas intenções. Ao homem a quem hontem apertavamos a mão, temos hoje que retiral-a, com desprezo, com raiva, com odio.

PEDRO

A minha palavra de cavalheiro em como não comprehendo aonde quer chegar. Convido-o a explicar-se, pedindo-lhe terminantemente que me declare se essas palavras me dizem respeito.

## NORBERTO

Bravo! julga que estamos no dia da sua chegada, em que eramos todo atenções para o homem que suppunhamos digno da nossa amizade!... Ah! está muito enganado. Nesta casa, onde sempre a honestidade teve um culto, aqui onde ha honradez e brio e convicções, onde a consciencia não é uma palavra ôca, boa para fazer estylo, simplesmente, aqui onde ha respeito a Deus, amor aos homens e isto—desde os patrões aos criados—não ha logar para quem desconhece estas bellas cousas. Convido-o a sahir.

PEDRO (*altivo*)

Não cabem por aquella porta os homens da minha estatura. Deixe passar a vaidade da phrase. Ha occasiões em que é um crime calar a consciencia que quer pregoar aos outros os nossos merecimentos. Estou numa d'essas occasiões. É a Justiça quem falla. Perante a accusação falsa, cobarde, alceivosa, dou mais que o desprezo, dou a minha vaidade—limpa, immaculada, superior. Entrei nesta casa pelo braço d'um amigo, sahirei d'ella pelo braço do mesmo amigo.

## NORBERTO

Sim, sr.! Não é nova para mim esta especie de seres. Conheço o camaleão que adquire côres diversas desde o branco até ao preto. É um reptil. A natureza tem d'estes caprichos. Ha, pois, homens-reptis. Não se zangue em o introduzir nesta classificação. Não fui eu, foi o sr. quem escolheu o logar. O procedimento que teve nesta casa encheu-me d'um odio maior que o desprezo que tenho por si. E...

PEDRO (*com ímpeto*)

Basta! sr.! basta! É o respeito á casa para que o sr. ha pouco appellou, que me dá esta extraordinaria coragem de o ouvir assim. Oh! não fosse aqui!... Disse phrases que não se esquecem e que hão de ser um dia — uma terrivel expiação. Accusa-me de ter sido traidor aos meus deveres mais sagrados — adivinho essa calumnia toda. Ignoro se o sr. Norberto é o auctor ou, apenas, o instrumento d'uma vingança mesquinha. Fico superior a tudo isso, apesar de não poder esquecer nenhuma das accusações que me lançou em rosto e que me cahiram como gottas de chumbo candente sobre uma ferida gotejando sangue. Juro — pelo Deus que a todos nos ha de julgar — que tenho a consciencia tranquilla ácerca do meu procedimento. Alguem se encarregará da minha justificação.

NORBERTO

Justificação que nunca chegará, ou tão tarde que não aproveite a ninguém.

PEDRO

Nem mais uma palavra, sr.! Tenho-o ouvido de mais — eu, que tenho a consciencia do meu dever tão puro e tão immaculado, que não me consente a sombra d'uma accusação. E antes de sahir, senhor, duas palavras: — não o convido, intimo-o a que me repita essas accusações noutro lugar. Liquidaremos as responsabilidades á vontade.

NORBERTO

Oh! quando quizer e como quizer; mas emquanto não chega esse momento, permitta que lhe apresente as bases do

juízo que, desde momentos apenas, fui obrigado a formar a seu respeito. (*apresentando-lhe uma carta*) Queira ler.

PEDRO (*cruzando os braços*)

Está enganado. Eu não peço nessa carta, conheço-a, é um corrosivo; estou farto de saber o que ella diz: sou accusado de ter violado a honra da familia do sr. Ernesto da Cunha. É isto, pois, não é? que me importa a carta anonyma, em que o sr. confiou estupidamente, grosseiramente? Suppunha que a minha dignidade estivesse mais bem firmada no animo das pessoas que me conhecem e que me faziam os protestos da sua amizade. Enganei-me. Paciencia!... Sahirei d'esta casa, sim, hei de sahir, mas pelo braço que me trouxe, repito-lhe. D'hoje em diante somos demais os dois para nos abrigarmos debaixo do mesmo tecto. (*sahe*)

## SCENA IX

NORBERTO (*pensativo*)

Andei talvez, precipitadamente. Falla com uma convicção, um entusiasmo tal, que parece estar isento das culpas que nesta carta lhe assacam. A prudencia aconselhava-me outra cousa. Quem sabe se se trata apenas d'uma calumnia? mas é impossivel isto!... Pois quem desceria a este nivel? que interesse teria? não descubro nenhum. Oh! se houvesse alguém que me tirasse d'esta duvida. (*toca uma campainha*) Vejamos se o creado me elucida. Às vezes uma pequena faisca manifesta um grande incendio.

## SCENA X

NORBERTO e FILIPPE

FILIPPE (*entrando*)

Deseja alguma cousa, sr. Norberto?

NORBERTO (*sentando-se*)

Anda cá, que temos de tratar uns segredos de importancia. Vê lá, primeiro, se ha por ahi alguém.

FILIPPE

Se...

NORBERTO

Se ha por ahi alguém que nos escute?... (*á parte, enquanto o criado espreita ás portas*) É preciso nada lhe dar a perceber: vou pôr a prova o meu tino de diplomata.

FILIPPE (*voltando*)

Temos então cousa de circumstancia?

NORBERTO

Olá, se temos. Com que então não ha por ahi ninguem?

FILIPPE (*sem perceber*)

Nada! não ha...

NORBERTO

Perfeitamente. Olha lá; tu és amigo do sr. Ernesto da Cunha?

FILIPPE (*repetindo machinalmente*)

Do sr. Ernesto da Cunha!...

NORBERTO

E da menina?...

FILIPPE (*idem*)

E da menina!...

NORBERTO

Sim?

FILIPPE

Ora essa! então isso é cousa que se pergunte? desculpe o sr. Norberto; mas então eu que vim para esta casa uma pobre creança, rôto, esfarrapado que era mesmo um louvar a Deus, e que aqui fui creado com todo o mimo, eu que assisti a todas as alegrias e tristezas...

NORBERTO

Mas ninguem duvida d'isso, homem!

FILIPPE

Nada, não sr. Quero agora desabafar, que até parece que me estalava o coração se não dissesse o que cá vai por den-

tro! Assisti ao casamento do sr. Ernesto, vi nascer os meninos, trouxe-os nestes braços que a terra ha de comer, e quando foi pela doença da minha senhora! —coitadinha!... — nunca me tirei da porta do quarto, que nem que fosse um cão. Deixal-o! eu cá já disse que abria as veias do meu corpo para poupar um desgosto aos meus ricos patrões! oh! se abria.

NORBERTO

Está bem, homem. Sempre formei esse juizo de ti, e mais desde a primeira vez que te conheci, já lá vão...

FILIPPE

Vinte e um annos e cinco mezes, meu senhor. Estou bem lembrado d'esse dia, o dia do baptismo do menino Alfredo.

NORBERTO

Exactamente, mas deixemos isso e vamos ao que importa. Dize-me cá. Veiu hoje algum procurar o sr. Ernesto?

FILIPPE

Nada, não, meu sr.

NORBERTO

Mas não veiu ninguem?...

FILIPPE

Veiu, sim sr., mas não entrou. Apareceu ahi um sujeito a procurar a menina.

NORBERTO (*sobresaltado*)

Hein?!...

FILIPPE

A menina não o quiz receber. Quando ia para dar o recado, já o não encontrei; não dei importancia ao caso; algum mariola a pedir esmola, que a minha menina é mesmo umas mãos rôtas. Vem ahí tanta gente, assim! engravatados, e tal, sim senhor, mas, afinal, uns pelintras.

NORBERTO

E não deixou nada, carta, bilhete...

FILIPPE

Nada, meu senhor!

NORBERTO (*ao creado, que vai a retirar-se*)

E verdade! a sr.<sup>a</sup> D. Ernestina tem andado melancholica, triste, hein?

FILIPPE

Assim anda ella quasi sempre; o sr. bem sabe; mas ha bocadinho encontrei-a tão alegre, que nem as calhandras na nossa quinta, quando é manhãzinha fresca!

NORBERTO

E o sr. Ernesto?

FILIPPE

Vai cada vez melhor. Ai! quem me dera cá o meu rico menino!...

NORBERTO (*levanta-se*)

Já faltou mais, tem paciência. Bem, até logo. (*sahem*)

## SCENA XI

ALFREDO (*entra cuidadosamente embaçado;  
por debaixo da capa veste uma blusa de operário*)

O melro bateu as azas e fugiu! partida arriscada, não ha duvida, mas vou olhando isto á conta de tirocinio... mettido numa prisão, como se fosse um forçado e tanto malfeitor gozando a plenos pulmões esto bello sol peninsular, como dizem os poetas... Ser apresentado como réo da peor especie perante um tribunal de severos magistrados!... Ah! não vos darei trabalho, severos esbirros da Justiça. Tenho mais alta missão a cumprir. (*percorrendo a scena*) Perfeitamente. Tudo silencioso, pacífico; isto dá um bom ar de quietação saudosa. Não ha aqui ranger de fechaduras, nem arrastar soturno de passos, nem pragas, nem maldicções. Este ar é outro, é outra esta vida. Ah! meus bons tempos de Coimbra! Ah! meus saudosos dias de Coimbra! Lembro-me bem da minha chegada aqui; a satisfação de meu pae, da alegria douda de minha irmã, do ar de festa de tudo isto—desde as paredes ás pessoas. Como tudo mudou! Os meus vinte e um annos trazem-me as saudades de um velho de sessenta! Foi muito rapida a passagem... Paciência! É preciso não desanimar.

## SCENA XII

ALFREDO e ERNESTINA

ALFREDO (*presentindo gente embuça-se cautelosamente; Ernestina ao entrar solta uma exclamação de terror ao mesmo tempo que o irmão deixando cahir a capa corre a abraçal-a*)

Dois mezes d'ausencia fizeram de mim um desconhecido! Que será, quando fôr mais?!

ERNESTINA

Um desconhecido?! Oh! não, meu querido Alfredo. Nunca a minha memoria te abandonou um momento. Tu bem sabes se isto é verdade.

ALFREDO

Nem outra cousa podia suppôr de ti, minha boa Ernestina. E o pae?

ERNESTINA

Ancioso por te ver. Não calculas como te quer bem: não faz senão fallar em ti, e repete frequentemente que a sua maior aspiração é a de vivermos juntos com elle na doce paz familiar, até aos seus ultimos dias.

ALFREDO

Pobre velho! coitado! Deus é testemunha de como eu de-

sejaria sempre harmonisar a minha vontade com a d'elle. Infelizmente não tem sido assim! Mas olha, Ernestina. Tenho tanta fé posta na minha empreza, sinto tão grande alegria ao pensar que trilho a estrada do dever, apesar de desgostar o pae, que creio sinceramente que tudo isto ha de terminar bem. Que queres? Não conheces tu o dictado: «Deus escreve direito por linhas tortas»?...

ERNESTINA

Oxalá que a realidade dos acontecimentos confirme as tuas palavras! Ai! Alfredo! quasi enlouqueço ao pensar naquelle dia em que tu voltes a ser — o antigo Alfredo, que nós recebiamos nesta mesma casa, a chorar e a rir, de volta de ferias, lá de Coimbra, por manhã alta, tão saudosa manhã essa!

ALFREDO

Oh! não poderão voltar mais esses tempos, mas outros correspondentes — afianço-te que virão. Tenho confiança no futuro. Mas...

### SCENA XIII

OS MESMOS e ERNESTO

ERNESTO (*ainda entre portas*)

Longe da vista...

ERNESTINA (*corre a tapar-lhe a bocca*)

E perto do coração...

ALFREDO (*abraçando o pae*)

Culpe a Ernestina, meu pae: foi ella quem me demorou...

ERNESTINA

Eu?!

ALFREDO

Tu, sim. Tens o defeito de todas as mulheres: pozeste-te a tagarelar e fizeste com que eu merecesse esta censura do pae.

ERNESTO

Já sei, já sei; a culpa foi d'ambos. Nem eu vos censuro. (*os filhos têm acompanhado o pae até o sentar*) Quanto estimo vêr-vos tão amigos! foi sempre o meu ideal de familia. A paz e a harmonia geram os grandes sentimentos do amor, e da dedicação, base de todas as outras virtudes, sustentaculo de todos os deveres. Mas... deixemos estas caturrices. (*rindo*) Então, tu, meu grande *criminoso*, evadiste-te? Sabes que, misturado com a alegria de te ver, tenho tido o cuidado d'esta sahida arriscada?!

ALFREDO

Nada receie, meu pae. Fiz tudo perfeitamente, maravilhosamente, como se fosse um heroe de romance. O carcereiro foi para mim d'uma amabilidade...

ERNESTINA (*interrompendo*)

De panthera.

ALFREDO

Seja; mas de panthera adormecida. Vê lá se já alguém se conseguiu evadir sem empregar o punhal, o veneno, eu sei! essas mil cousas terriveis que nos fazem tremer só de pensar nellas!... pois fil-o eu.

ERNESTO e ERNESTINA

Mas como?

ALFREDO

Mediante um pequenino disfarce: transfigurado da maneira que vêm, como qualquer serviçal da *hospitaleira* casa.

ERNESTO

E agora ao voltar?

ALFREDO (*titubeante*)

Ao voltar?!... Ora! ao voltar, usa-se do mesmo processo.

ERNESTO

Queira Deus te não aconteça alguma desgraça. Não tornes a commetter semelhante imprudencia. Estimei muito ver-te, mas não te quero cá senão depois de livre, completamente livre.

ERNESTINA

Oh! quem dera esse dia, papá.

ALFREDO

Talvez chegue tarde, mas chegará, creiam-o. Entretanto é escusado recommendar valor e coragem. Á força de tanto appellar para estas bellas qualidades, tenho-me na conta d'um privilegiado. Oxalá que ellas os não abandonem! É isto o que peço a Deus. (*levantando-se*) E agora, um abraço de despedida...

ERNESTO

Vai. E não te esqueças nunca que neste mundo ha, acima de todos, dois seres que devem occupar constantemente o teu pensamento. Devem ser para elles todos os teus cuidados e desvelos. Eu tremo, sobretudo pela sorte de quem aqui está. (*apontando Ernestina*) Se tivesses ainda vossa mãe, não me preocuparia tanto; que uma boa mãe, como a vossa era, é, afinal, o anjo da guarda dos filhos. Paciencia! Deus quiz o contrario. Resignemo'-nos. (*abraçando-o*) Adeus!

ALFREDO

Meu pae. (*a Ernestina que soluça*) Lagrimas aqui? porque choras, minha doidinha? esqueces-te do que tantas vezes me tens promettido? Vamos! enxuga-me esses olhos, que eu tenho medo que as lagrimas os estraguem. (*beijando-a*) Adeus.

ERNESTO

Bem. Vamos lá, Ernestina, dá cá o teu braço. (*sahem*)

ALFREDO (*vendo-os sahir depois de breve silencio*)

Que bello assumpto para um quadro: a velhice pelo braço da aurora!

### SCENA XIV

ALFREDO

Falta o essencial ainda. Antes de sahir, quem sabe até quando, preciso de dispôr as minhas cousas como se se tratasse d'uma ultima viagem. Oh! Deus sabe quanto custa ao meu coração esta tortura do disfarce. Mas assim é necessario! Seria d'uma crueldade inaudita descobrir os meus planos a meu pae ou a minha irmã. É preciso que ignorem tudo até ao momento da partida e mesmo até mais tarde. Para isso são necessarios conspiradores, que tenham d'estas dedicações, raras na vida dos homens. Felimente não me faltam; tenho poucos, mas bons. É com elles que conto para tudo.

### SCENA XV

ALFREDO e FILIPPE

FILIPPE

Ora esta! então ainda o menino aqui está?! Olhe que são horas de recolher ao quartel!...

ALFREDO (*que se assustou*)

Sempre me metteste um susto!... então que ha de novo?

FILIPPE (*dando lhe uma carta*)

Vinha entregar esta carta... Parece-me que é para a menina...

ALFREDO

Deixa, que eu lh'a entregarei. (*o creado sahe; Alfredo vê o envelope*) É celebre! a mesma fôrma de letra, papel identico... em summa, tudo igual; foi a mesma penna que traçou esta e a carta que eu recebi; oh! quem adivinhara o infame que se encobre sob a mascara ignobil! (*tocando uma campainha*) Quem sabe se o Filippe servirá o meu odio?

## SCENA XVI

ALFREDO e FILIPPE

FILIPPE (*entrando*)

Prompto, meu senhor.

ALFREDO

Reparaste em quem te entregou esta carta?

FILIPPE

Reparei... quero dizer, lá bem, bem...

ALFREDO

Má; em que ficamos? conheceste quem t'a entregou? é isto que se pergunta.

FILIPPE (*atrapalhado*)

Pois eu... eu vi; agora conhecer, é que não fui capaz de tal.

ALFREDO

Não podes então dizer se era alto, baixo...

FILIPPE

Não, meu senhor.

ALFREDO

Nem ao menos um pequeno signal? ao menos isso?

FILIPPE

Não, senhor; nem esse. Era lusco-fusco; foi assim á pressa. (*á parte*) Não está má a brincadeira da carta!

ALFREDO (*rispido*)

Filippe!

FILIPPE

Meu senhor!

ALFREDO

D'hoje para o futuro ficas prohibido de entregar á menina carta, bilhete ou seja o que fôr. Quando houver qualquer cousa d'essas, entregal-a primeiro ao sr. Pedro de Vasconcellos, que é quem me substitue na minha ausencia. Ouviste? esta ordem é terminante. Parece-me que é inutil lembrar-te que t'a dou na esperança de a cumprires sempre.

FILIPPE

Pois o senhor, que é tão amigo da menina, havia de mandar alguma cousa que não fôsse para bem d'ella?... e então, eu que só quero o bem de todos?...

ALFREDO

Sempre te lembro que és creado velho da casa, ou antes amigo de todos nós.

FILIPPE

Ó menino, muito obrigado por tudo; mas se tem desconfianças a meu respeito...

ALFREDO

Quaes desconfianças, homem! não é nada d'isso. Só te digo que esta ordem é como se fôsse a ultima que te desse. Já vês se é importante.

FILIPPE

Deixe-a ao meu cuidado. Nem que o menino só viesse d'aquí a annos.

..

ALFREDO

Sim, tudo é possível. Adeus. (*sahz*)

## SCENA XVII

FILIPPE

Ora esta! já vejo que não acabam estes sobresaltos em que andamos ha mezes. Estamos arranjados! ia apostar em como o peixe mais graúdo ainda está para vir. Tenho cá as minhas desconfianças de que o menino ainda anda com a mania de ir para a Africa. Isso é que é o demonio. Emfim, nem piu; o que elle fizer está feito.

## SCENA XVIII

FILIPPE e PEDRO

PEDRO (*entrando apressadamente*)

O sr. Alfredo já cá esteve em casa?

FILIPPE

Já sim, meu senhor; mesmo agora d'aqui sahui.

PEDRO

E não voltará?

## FILIPPE

Não sei, mas sem fallar com o senhor, estou certo de que não vai... Elle deve ter os seus segredos, que lá quem faz uma viagem tão arriscada...

## PEDRO

Hein? viagem tão arriscada?! Então já sabes?!...

## FILIPPE

Não se sobresalte, meu senhor. Só eu é que desconfio, cá por umas cousas.

## PEDRO

Então, nenhuma palavra a esse respeito, nenhuma; nem á menina, nem ao sr. Ernesto; a ninguem, ouviste? a ninguem.

FILIPPE (*após uns momentos, com a voz tremula, quasi chorando*)

Com que então o menino Alfredo vai-se embora! Deus o proteja! Nossa Senhora o leve em sua companhia! Ó minha rica mãe do céu, não o abandones. (*para Pedro, chorando*) Sr. Pedro! Queira desculpar, mas tenho um grande favor a pedir-lhe.

PEDRO (*commovido*)

Falla com franqueza, vamos lá.

FILIPPE

Um grande favor, sr. Pedro, isso é; mas eu nem sei... olhe... eu cá sou um homem rude, mas tenho um amor de pae aos meninos cá de casa... acabou-se... tenho, esta é que é a verdade, e então queria... sim... desejava...

PEDRO (*sorrindo*)

Vamos a ver o que desejavas, vá lá...

FILIPPE

Desejava... visto que não posso ir com elle, no que tenho grande pena...

PEDRO

Ir com elle? tu podias lá, meu pobre velho!

FILIPPE

Pois bem; eu reconheço isso; mas a viagem é lá para longe, as despezas são muitas; tudo custa caro... Eu bem sei que o sr. Alfredo tem muito dinheiro... mas se o senhor me quizesse fazer um favor, entregava-lhe... assim como se fôsse cousa sua, este dinheiro. (*apresentando uma bolsa*)

PEDRO (*confundido*)

Mas... valha-te Deus, elle não precisa.

FILIPPE

Oh! bem sei isso; tome, sr. Pedro, entregue-lh'ô.

PEDRO

Mas então tu não tens falta de dinheiro?

FILIPPE

Não tenho nenhuma, mesmo nenhuma. *(ajoelha-se)* Oh! por amor de Deus! faça-me este favor, antes que elle venha. Faça-me este favor. *(deixando cahir a bolsa)* Aqui está a bolsa *(levanta-se bruscamente e já á sahida)* Não diga que fui eu. Não diga... *(sahe)*

PEDRO *(que tem ficado indeciso, apanha a bolsa, ao sentir gente)*

Sublime dedicação a d'este homem! Ó almas simples e boas, como eu vos invejo!

## SCENA XIX

PEDRO e ALFREDO

ALFREDO

Ora até que emfim! Suppuz que tivesses fugido!

PEDRO

Oh! desculpa-me, meu caro Alfredo; um transtorno imprevisto, que depressa te contarei, impediu o cumprimento da minha promessa. Procurei-te ao Arco do Limoeiro, mas já tarde. Fiquei depois em cuidados, suppondo que te não encontraria.

ALFREDO

Bem sabes que não podia partir sem estar contigo. Tenho communicações importantissimas a fazer-te, embora para ti não sejam completa novidade.

PEDRO

Estou prompto a ouvir-te. Pódes fallar com a absoluta certeza de que te diriges a alguem em quem pódes confiar sem receio.

ALFREDO

Sempre esperei isso de ti; mas antes de principiar, deixa-me ver se podemos conversar á vontade. (*examinando a casa*) É precisa toda a cautela, que toda ella é pouca. Trata-se d'um negocio que só deve ficar entre tres, o maximo.

PEDRO

Quem é o terceiro, o Norberto?

ALFREDO

Pois que outro havia de ser? Velho amigo da casa, tendo

por mim um affecto paternal, acho injusto não lhe descobrir os meus planos.

PEDRO

Está bem, não discutamos; lembra-te que é tarde e o tempo para ti agora é mais do que dinheiro; é a tua mesma existencia que é jogada nesta cartada.

ALFREDO

Tens razão. Sabes parte do meu projecto. Sahi da prisão para não voltar lá mais... pelo menos, por estes tempos mais proximos. O guarda, um republicano exaltado, facilitou-me a fuga de maneira a não comprometter nenhum de nós. Ouve agora o meu plano. Vou partir em poucas horas em direcção á fronteira. Logo que me encontre em Hespanha, procurarei ganhar um dos portos. Embarco em direcção a Gibraltar até me acolher em Cabo Verde. Tenho ahí um amigo dedicadissimo. É de lá que conto partir em direcção a Moçambique, onde já deve ter chegado o *batalhão de voluntarios academicos*. Uma vez lá, e tudo estará conseguido: só pedirei uma arma.

PEDRO

És um valente, meu querido Alfredo; tenho pena de não ter o teu coração, a tua energia, em summa, a coragem d'uma abnegação, que é um sentimento hoje tão raro entre os homens e que, no entanto, tu apresentas como a cousa mais trivial d'este mundo.

ALFREDO

Não sejas injusto para contigo, nem para commigo. Somos irmãos na amizade, como o somos no genio.

PEDRO

Cumpramos nesse caso o mesmo destino: tivemos juntos as nossas alegrias e tristezas nos tempos de estudante; tenhamol-as agora, que encetamos uma nova carreira, guiados pela mesma estrella, inspirados pela mesma crença. (*com energia*) Alfredo! terei orgulho de combater a teu lado. Partiremos ambos para Africa.

ALFREDO

Infelizmente não póde ser; exijo da tua amizade o sacrificio de ficares.

PEDRO

Mas...

ALFREDO

Não teimes. Para tu partires, teria eu que ficar. Sabes quanto adoro meu pae e minha irmã: calculas, portanto, que só a força imperiosa d'um dever me obriga a deixal-os. Partirei. Desejo que saibam a minha resolução muito tarde, quando eu estiver longe d'elles; mas quero ter a certeza de que, na sua tristeza, não estão sós; e que ha alguém a protegel-os e amparal-os contra as adversidades do acaso ou da malevolencia dos homens. Ficas tu, meu amigo. Entrego-te a sorte dos dois, na convicção profunda de que saberás conservar intacto o cofre que contém tão preciosas joias.

PEDRO

Obrigado pela confiança que depositas em mim, mas sinto muito dizer-te que não posso...

ALFREDO (*espantado*)

Como? não podes?

PEDRO

Sim, não posso, se não por mim ao menos por essa gente que para'hi anda, farejando escandalos em cada lar honesto, aventando calumnias cobardes a respeito da virtude mais consagrada.

ALFREDO

Que me importa essa gente? tenho por ella mais desprezo que asco. Se a encontro na minha passagem; esmago-a, é claro; mas, podendo ser, faço melhor — evito-a. É o que costume fazer com os reptis.

PEDRO

Tambem eu dizia o mesmo, mas a pratica modifica muito as nossas ideias. Lembra-te de que o reptil quando não morde, suja, ou, como disse uma grande intelligencia da nossa terra — «a calumnia, reptil da reputação, quando não queima, mascarra».

ALFREDO

Tenho um culto alto de mais pela virtude para a suppôr verdadeiramente offendida por cousas tão baixas. Com franqueza, Pedro: imagina que iamos dar credito a todas as aleivosias que nos levantam. Ah! quantas vezes eu não teria succumbido!...

PEDRO

Não succumbem os homens da tua tempera. Mas é que commigo ha uma circumstancia grave a attender.

ALFREDO

Vejamos qual é.

PEDRO

Não te vou fazer uma surpresa, quero crer; mas faço-te uma confissão. Amo tua irmã, doidamente, perdidamente. Lembras-te? teu pae tinha ficado, creio eu, em Lisboa, e tu e tua irmã appareceram em Espinho. Tivemos ahí uma convivencia de quinze dias, em que eu contemplei a Ernestina, como um devoto, numa egreja, a santa da sua devoção ou como um artista privilegiado o modelo do seu quadro. Foi uma especie de fascinação. A sua peregrina belleza, mais ainda, as suas bellas qualidades moraes, deram-me o ideal da mulher superior, que eu imaginava havia muito. Não te disse nada, não obstante t'ò desse a conhecer nas nossas conversas; a caminho do Choupal, em Coimbra, as aguas do Mondego ouvindo-nòs mansamente. Partiram. Desde então no meio das minhas lembranças a memoria apresentava-me sempre como a mais nitida, a mais luminosa, a mais consoladora, a imagem de tua irmã. Desde então ella foi sempre como que a estrella mais brilhante do céo da minha alma — e sabes? — é tal o seu brilho, que chega ás vezes a offuscar o de outras que lá ha de primeira grandeza. Depois ponho-me a fixal-as e vejo-as todas juntas, muito grandes e muito bellas — e chamo-lhes então — a constellação da minha familia.

ALFREDO

Disseste que não me surprehendias, disseste bem; esperava até de ti, antes de partir, essa declaração sincerissima. Obrigado por mim e por ella. Mas ainda não comprehendi o motivo por que te querias recusar ao encargo...

PEDRO

Doce encargo, como podes calcular. É que tu ignoras por completo a tormenta que se approxima...

ALFREDO (*sorrindo*)

Estás tomando uns ares tragicos. Afinal, alguma bagatella...

PEDRO

Oxalá o fôsse! infelizmente é cousa mais séria. Como é necessario que saibas tudo, dir-te-hei que fui aqui insultado, baixamente insultado por...

## SCENA XX

OS MESMOS e NORBERTO

NORBERTO (*que ouviu as ultimas palavras*)

Por mim.

ALFREDO

E o motivo?!

NORBERTO

Muito simples: recebi uma carta anonyma, mas que me pareceu fidedigna, em que o sr. Pedro de Vasconcellos era accusado de ter...

ALFREDO

Basta. Sei tudo.

NORBERTO e PEDRO

Sabe tudo?!

ALFREDO

Tudo, e pelo mesmo processo por que o sr. Norberto o soube. Houve, apenas, uma differença entre nós dois: eu recebi a carta e não lhe dei importancia alguma; o senhor, porém...

NORBERTO

Pois que havia eu de fazer, se quizesse cumprir os meus deveres de velho amigo d'esta casa? ficar impassivel perante uma denuncia de tão grave responsabilidade? tudo em mim protestaria contra isso.

ALFREDO

Louvaria o seu procedimento noutro caso qualquer, mas neste, não, sr. Norberto. Isto não significa que eu o censure; reconheço que foi a sua amizade por nós que lhe dictou o que fez. Mas... querem ouvir uma pequenissima historia? (*para Norberto*) Tem ahí a carta?

NORBERTO

Tenho, mas então quer lel-a? (*entrega-lh'a*)

ALFREDO

Não, vai ver. (*a Pedro*) Tem paciencia. Ouve uma reminiscencia de historia: um caso simples, de pouco effeito dramatico, mas d'um grande proveito moral. Um dia alguém advertiu esse poderoso militar, de quem a historia regista factos assombrosos, e que se chama — Alexandre o Grande — que Dario, seu inimigo figadal, havia subornado o seu medico Philippe para que este o envenenasse. O grande heroe tomou a taça que Philippe lhe apresentava e que, segundo o calumniador, devia ter o veneno mortifero; esvaziou-a d'um trago, e mostrou depois ao medico, maravilhado com esta prova de confiança, a carta accusatoria. Aproveitemos da licção o que ella tem de bom, que é muito. O valor que eu dou á carta é este (*rasga-a*) a ti, é este. (*abraça Pedro com effusão*)

NORBERTO

Acabo de receber uma grande licção, sr. Pedro de Vasconcellos: reconheço que sou indigno da sua amizade, e mais ainda — que me é impossivel reconquistar o logar que outr'ora occupei aos seus olhos. Deixal-o. O culpado fui eu. Nem por isso deixarei de ser um grande admirador das suas virtudes. Mas ha uma cousa que eu espero do seu coração generoso (*indo curvar-se deante d'elle*) — o perdão!

PEDRO

Estou prompto a dal-o. Com quanto me pezasse o seu pro-

cedimento, motivado por se deixar subjugar por uma calumnia infame, — ao depois nesta desgraçada pendencia, vi a razão principal que lhe dictou o proceder. Bastava isto, se outros argumentos não houvesse, para eu conceder o perdão completo e incondicional. (*apertam-se as mãos*)

ALFREDO

Bravo! meus amigos! vou agora mais descançado; posso mesmo dizer-vos: vou para a Africa tranquillamente. Não me ficam duas pessoas de familia, ficam quatro.

PEDRO

É tempo de partires.

ALFREDO

Sim, é tempo. Mas para sahir é necessario empregar algumas precauções contra os *Argos* da policia. Peço-lhes que saiam adiante, tendo o cuidado de avisar do que houver. Eu seguil-os-hei a distancia.

PEDRO e NORBERTO

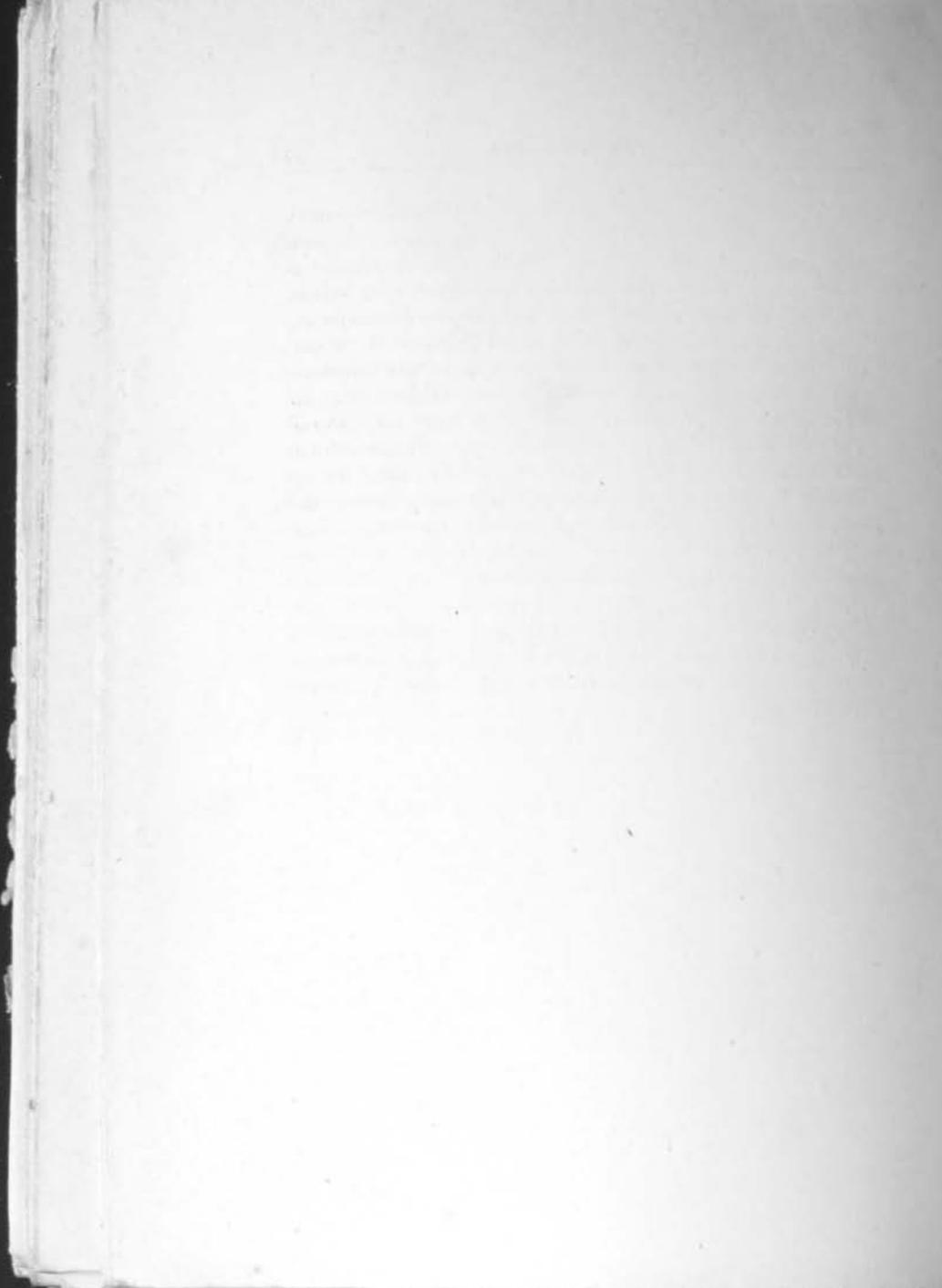
Partamos sem demora. Adeus! (*abraçam-se*)

## SCENA XXI

ALFREDO (*que fica olhando na direcção que os amigos seguiram; depois d'uma breve pausa*)

Quem sabe se é este o derradeiro adeus, quem sabe!...

Está diante de mim o futuro, mudo como a lousa d'um sepulchro, impenetravel como o mysterio mais augusto. Mentiria se dissesse que me causa medo; mas nesta hora solemne da minha vida, a dois passos d'aquelles que tanto me têm amado, sinto não sei quê que me incommoda extraordinariamente. Parece que tenho como que uma grande vontade de chorar; tenho falta d'alguma cousa, d'um seio amigo a que encostasse esta pobre cabeça, e que viesse dulcificar as agruras da minha existencia. (*Voltando-se para a porta por onde sahiram o pae e a irmã*) Meu pae! minha irmã! Deus é testemunha de como vos estimo. Só Elle avalia a força d'este amor que vos dedico, e que a vossa alma adivinha talvez neste mesmo momento, vibrando o unisono da minha, neste momento em que o vosso querido Alfredo parte a sacrificar-se por aquillo que vós mesmos tanto lhe fizestes amar — a Patria! (*silencio*) Vamos! O viandante que faz a ascensão d'um monte deve olhar sempre para o alto e eu principiei ainda ha pouco a subir. (*toma de cima de uma cadeira a capa em que se embuça, desaba o chapéo e ao meio da scena:*) E agora, a caminho d'Africa! (*sahe*)



## ACTO III

### SCENA I

PEDRO e ERNESTINA

PEDRO (*sentado junto de Ernestina, que costura;  
e tendo acabado de ler uma carta*)

Nada mais claro do que isto. Se o vapor partiu de Moçambique quando esta carta o diz, deve chegar a Lisboa, o mais tardar no dia 15, isto é, d'aqui a tres dias, ou scja, no proximo domingo.

ERNESTINA

Quer dizer que só d'aqui a tres dias poderei abraçar o meu querido irmão. Como o tempo me vai parecer longo!...

PEDRO

Quem esperou 18 mezes, pôde bem esperar esse pouco tempo. Tambem eu, minha boa Ernestina, espero com ansiedade o dia da chegada do Alfredo.

## ERNESTINA

É tempo de acabar este captiveiro. Cada vez que me ponho a considerar o que me tem succedido ha uns annos a esta parte, sinto que as forças me abandonam, e só descanço chorando. (*largando a costura*) Tenho pedido tantas vezes a Deus nas minhas orações que me acabe este martyrio!..

## PEDRO

Não vale desanimar, agora sobretudo...

## ERNESTINA

Ah! quem sabe! quem sabe! o que te posso affirmar é que não teria coragem de supportar a lucta por mais tempo. Tinha a certeza de succumbir, se amanhã novo revez viesse juntar-se a tantos outros que já lá vão.

## PEDRO

Mas para que recordar cousas tristes?! (*levantam-se*) Esta carta dá-nos o penhor da preciosa existencia d'aquelle que tanto amamos. Em breves dias tel-o-hemos na nossa companhia, adorado e bemquisto por todos os portuguezes. Olha, Ernestina, tenho orgulho em ser amigo do Alfredo, tanto, tanto, que me julgo mais forte e melhor quando o tenho ao lado. A ausencia foi dolorosa, mas em compensação não ha ahí ninguem no nosso pequeno paiz que não pronuncie o seu nome com enthusiasmo.

## ERNESTINA

Ha lagrimas que não têm compensação, como ha dores que não têm lenitivo, Pedro. E eu tenho chorado e soffrido tanto!...

## PEDRO

Eu sei como esse coração tem sangrado, sci, minha boa Ernestina. Mas, francamente, agora não ha motivo para tristezas. A chorar é de alegria, como eu presenciei já hoje... Pobre velho! metteu-me tanto dó, que eu mesmo senti uma lagrima traiçocira a borbulhar-me nos olhos...

## ERNESTINA

É caso digno de registar-se. Um medico, suppunha eu, que ignorava o que isso fosse... fóra d'um laboratorio...

PEDRO (*sorrindo*)

Maliciosa! temos agora epigrammas! pôde ser que eu os mereça, pôde ser, mesmo por te ter amado tanto... mas é que ha occasiões em que se não pôde ficar impassivel. Imagina que o tal velho, que foi um militar valente nos seus bellos tempos de rapaz, que viveu durante oito annos em Africa como governador d'uma das nossas possessões, que tem o peito coberto de medalhas de valor, imagina que chorava ao ler um jornal, que publicava a biographia do Alfredo, mas chorava a valer, como uma creança. A gente não tem o coração blindado, ahi como qualquer peça de 12, esta é que é a verdade. E então estas cousas não consolam?

## ERNESTINA

Sem duvida alguma. Mas lá diz o dictado—quem espera desespera.

## PEDRO

Tudo tem seu tempo, Ernestina. Em quanto não vem o domingo, consolemo'-nos com lembranças... até logo e... (*sahindo*) resignação.

## SCENA II

## ERNESTINA

Resignação! sempre resignação! não ouço outra palavra ha perto de dois annos. Eu bem reconheço quanto é necessaria. Oh! se não fosse ella, que teria sido de mim, só, sempre abandonada á minha dôr, ouvindo constantemente os lamentos de meu pae, que julga perdido para sempre o seu filho amado? Sim! reconheço quanto é necessaria, mas... tudo tem seus limites, e já não posso, (*levando o lenço aos olhos*) não posso!

## SCENA III

## FILIPPE e ERNESTINA

FILIPPE (*tem entrado a tempo de ouvir as ultimas palavras de Ernestina*)

Vinha trazer o correio do papá.

ERNESTINA (*fingindo-se alegre, sem se voltar*)

Põe para ahí, para cima d'uma d'essas mezas...

FILIPPE (*tentando vel-a de longe*)

Aqui fica.

ERNESTINA

Pódes retirar-te: não preciso de nada.

FILIPPE

Sim, menina, cá vou; (*sobe e desce depois*) mas é que...

ERNESTINA (*sem se voltar*)

Hein?

FILIPPE (*titubeante*)

É que eu tinha a pedir um favor.

ERNESTINA (*rispida*)

Agora não póde ser; logo dirás o que quizeres.

FILIPPE (*resoluto*)

Queira perdoar, menina, queira perdoar, mas então! eu tenho este genio! sim! isto não póde ser, isto não póde continuar assim! só chorar, todos os dias que Deus manda ao mundo!... não póde ser. Diga a menina o que tem, diga!... por favor! eu talvez possa, quem sabe...

ERNESTINA (*commovida*)

Não é nada, valha-te Deus!

FILIPPE (*implorativo*)

Ó minha menina! diga se é preciso fazer alguma coisa para a alliviar. Ia ao fim do mundo, ia... que eu sou um pobre velho, tropego e sem forças, mas Deus até me faria o milagre de me remoçar para isso. Oh! se faria!...

ERNESTINA

Mas eu não tenho nada, já te disse. (*olhando-o de frente*)  
Vê lá se me descubres alguma lagrima...

FILIPPE

Ora! as fontes também séccam; e a menina tem chorado tanto, que até ia apostar que as primeiras lagrimas, agora, hão de ser de sangue... queira perdoar-me se sou importuno, mas se a menina não tornasse a chorar, nem a andar triste...

ERNESTINA

Visto que pedes com tanto interesse, hei de procurar fazer-te a vontade. Mas tu bem sabes que estas cousas não são á vontade da gente.

FILIPPE

Ora! queira a menina e veremos; agora cantar, logo tratar das flôres, depois um bocadinho de piano, depois ama visita...

ERNESTINA (*sorrindo*)

Um programma de vida nova?... pois bem, faremos isso.

FILIPPE

Ora verá quem tem razão! (*sahe*)

ERNESTINA

Sim, senhor! tenho mais um medico dedicado: que amizade este pobre velho tem por nós. Consolam-me estas affeições, hoje tão raras! (*sahe levando as cartas e jornaes que Filippe trouxe*)

#### SCENA IV

NORBERTO (*entrando*)

É verdadeiramente assombroso tudo isto. Correm as noticias mais satisfatorias, todos os jornaes se fazem echo d'ellas; o proprio governo as faz espalhar e, de repente, cahe de chofre uma noticia d'esta gravidade! Oh! se isto fosse verdade! Preferia morrer a ouvir esta desgraçada familia. Ha momentos em que chego a desesperar. Mal está para luzir um raio de sol, logo vem a tormenta involvel-o no seu manto de sombras. Ainda agora tudo respirava alegria nesta casa; festejava-se como que uma resurreição; o Alfredo ia, enfim, chegar: e d'aqui a pouco tudo perdido, tudo! Como isto é doloroso! (*cahe desfallecido numa cadeira*)

## SCENA V

NORBERTO e PEDRO

PEDRO

Oh! o sr. Norberto neste estado! que tem, meu amigo? sente alguma cousa?

NORBERTO

Ai! sr. Pedro de Vasconcellos, tudo está perdido, tudo e irremediavelmente!...

PEDRO

Assusta-me, senhor. Acabei de sahir d'aqui ha momentos e todos estavam bem. Que nova desgraça é esta?

NORBERTO (*apresentando-lhe um jornal*)

Leia essa noticia.

PEDRO (*lendo*)

«Corria hontem á noite, nos circulos mais distinctos da nossa politica, que o governo recebera um telegramma de Cabo Verde, noticiando a morte de Alfreda da Cunha...» (*afflicto*) Oh! será possível?!... meu pobre Alfredo, meu querido Alfredo!

NORBERTO (*depois de breve pausa*)

Coitado! infelizmente as más novas são quasi sempre

verdadeiras... mas... não nos morreu ainda toda a esperança. A redacção d'essa noticia dá a entender que se trata apenas d'um boato.

PEDRO

Tem razão; é improprio do nosso dever o entregarmo'-nos á desesperança. Sim! diz bem: quem sabe se esta noticia é falsa?

NORBERTO

Não podemos permanecer na incerteza por mais tempo. Vou sahir immediatamente e indagar se de facto o governo recebeu ou não telegramma. (*sahc*)

## SCENA VI

PEDRO

Meu pobre Alfredo! agora que vinhas receber o galardão de tantas acções gloriosas, agora que todos te esperavamos para de algum modo te pagar, o que por nós fizeste, uma morte ignorada salteia-te a meio da viagem, traiçoeiramente, cobardemente. O athleta cahiu no meio da lucta; o roble da floresta tombou para finalizar a sua existencia assombrosa. Perdemos nós, mas não tu, ó meu pobre morto, que não perde quem soube conquistar os nossos corações. (*pausa*) Ah! não! não! não posso crer que morresse. Tenho um secreto presentimento a affirmar-m'o. Morrer?! ah! não o creio. (*pausa*) E depois, quem sabe? talvez seja verdade!... a corôa dos heroes é quasi sempre tecida com ramos de cypreste. Oh! quem me tirara d'esta duvida!

## SCENA VII

ERNESTINA e PEDRO

ERNESTINA (*que ouviu as ultimas palavras de Pedro*)

Não ha ninguem mais prompto. Tens-me ás tuas ordens.  
Ouçamos.

PEDRO (*atrapalhado*)

Ah! és tu, Ernestina?

ERNESTINA

Vamos. Tens uma duvida que te dá cuidado; desejas al-  
guem que t'a tire. Offereço-me para isso; que mais queres?

PEDRO

Muito obrigado: mas a verdade é que se tratava d'uma  
cousa tão insignificante... sim, tão insignificante... que...  
nem já me lembra, nem me lembra... palavra!

ERNESTINA

Permitte-me, Pedro, que duvide das tuas affirmações. Tra-  
ta-se, na realidade, d'uma cousa séria: as tuas palavras, os  
teus gestos, o timbre da tua voz, mesmo, atraíçõaram-te.  
Desafio-te a que digas o contrario.

PEDRO (*com rapidez*)

Ora! Ernestina, estás a tirar partido d'uma atrapalhão de momento. Aposto em como ias tecer um longo romance apenas com estas pequeninas cousas. Ah! é bem verdade que a natureza deu ás mulheres em imaginação o que lhes tirou em fundo científico.

ERNESTINA

Mas...

PEDRO (*idem*)

Fazes-me lembrar Cuvier, conheces? aquelle celebre naturalista francez?... pois este grande homem reconstruiu o mastodonte tendo apenas um osso. Ah! sempre assim foram as mulheres, amaveis como tu mas excessivamente sensiveis.

ERNESTINA

O que não me parece que seja uma inferioridade...

PEDRO

Uma inferioridade?! muito ao contrario. Sois um milagre da natureza: alliaes as lagrimas ao coração; e tu bem sabes, Ernestina, se nós precisamos realmente de quem nos dulcifique os revezes da vida; é por isso que eu vos considero os oasis da nossa existencia, como que gottas d'agua fresca cahindo em terrenos resequidos do sol.

ERNESTINA

Obrigada pela defeza, mas não haverá ahi exagero? desconfio que sim...

PEDRO

Oh! não! Eu bem sei que o viajante do deserto nunca deixa de fitar a estrella do norte para se não perder; mas, em verdade, minha boa Ernestina, não pensava em ti quando disse aquellas palavras, porque então...

ERNESTINA

Porque então...

PEDRO

Teria de ser mais...

ERNESTINA

Exagerado, dize.

PEDRO

E mais verdadeiro tambem, que se houvesse muitas mulheres assim, teriamos na terra o reinado dos anjos.

ERNESTINA

Uma utopia boa para fazer versos...

PEDRO

Infelizmente, por agora, assim é. A sociedade actual é que teve a culpa. Destruiu o antigo, mas nada deu para o substituir. Ora, eu preferia a mulher d'outros tempos, mais simples e mais meiga, á de hoje, em geral, uma flôr exótica, vivendo a vida artificial das estufas.

ERNESTINA

Nunca esperei que tu, que és uma bella intelligencia de orientação moderna, viesses defender o estado da antiga mulher. Estamos mal, querias-nos peor. Suppunha-te mais generoso...

PEDRO

Engano, completo engano. O que eu queria era mais respeito, mais dignidade, maior culto emfim. Ora, não é verdade que todas estas bellas coisas são hoje muito raras?

ERNESTINA

Sem duvida. Mas em compensação gozamos de vantagens, que as nossas predecessoras estavam longe de pensar em adquirir.

PEDRO

Vantagens?! quaes? o luxo demasiado? uma instrucção falseada e deficientissima? a invasão dos direitos dos homens?

ERNESTINA

Basta. Descubri o motivo das tuas injustas aggressões. (*rindo*) É questão de official do mesmo officio... formaram-se este anno cinco medicas, não é verdade?...

PEDRO

Vejo que me não perdôas; é a isso que eu chamo ser cruel por gosto. Porém o papá é que não tem culpa das nossas theorias: chego a vel-o: até já. (*sahe*)

## SCENA VIII

NORONHA e ERNESTINA

NORONHA (*entre portas, ironico*)

V. ex.\* permite?...

ERNESTINA (*recuando com terror*)

O senhor!

NORONHA

Poupei ao criado o trabalho de me annunciar. (*entrando*) Com licença. Tranquillise-se, minha senhora; é a segunda vez que aqui entro. Da primeira vim offerecer-lhe a liberdade de seu irmão; agora trata-se de cousa mais preciosa... Ora diga-me: se a vida d'um ente tão precioso, como a d'elle, dependesse da vontade d'um só homem, que não daria a esse homem para lhe salvar seu irmão?

ERNESTINA (*assustada*)

Mas...

NORONHA

Ah! sei o que vai oppôr-me. É a verdade nua e crua o que acabo de lhe dizer. Ha alguém que tem interesse de fazer desaparecer seu irmão. Sei isto com certeza: juro-o, se duvidar. Só acrescento que ha um homem que tem o poder de o salvar...

ERNESTINA (*idem*)

E esse homem... é o... senhor?

NORONHA

E porque não? admira-se? Pois affianço-lhe que, se amanhã eu pedir a cabeça de Alfredo da Cunha, tel-a-hei em meu poder!

ERNESTINA (*riso forçado*)

Ah! ah! ah! chega-me a causar riso toda essa embrulhada. Quem poderia dar fé a semelhante dispauterio? que ignobil comedia o senhor está representando!

NORONHA

Recusa-se então a acreditar-me? pois peor para si. Eu queria poupar-lhe o golpe, paciencia!... tenho a honra de lhe participar que seu irmão Alfredo da Cunha, chefe dos voluntarios academicos, por ultimo tenente do nosso exercito, tenho a honra de lhe participar que elle, o bom, o grande, o heroe, ... já... morreu!

ERNESTINA (*grito suffocado*)

Ah!

NORONHA (*imperturbavel*)

É o que annuncia este jornal: (*apresentando-lh'o*) leia, se duvida.

ERNESTINA (*mal relanceia a vista por elle cahe desmaiada sobre um sophá exclamando:*)

Meu irmão! meu pobre irmão!

NORONHA

Finalmente! Já a suppunha invulneravel. É de balde que sustento esta lucta. Nunca a poderei vencer. Nunca conseguirei arrancar-lhe a mais leve palavra de esperança. Oh! sinto-me indigno aos meus proprios olhos, tão baixo eu deseji já. Tenho empregado a mentira, a calumnia; só me falta o punhal e o veneno. Estamos a tempo. Já não posso descer mais: reconheço-me no ultimo aviltamento. Que consideração me póde sustar a marcha? nenhuma, ou antes... (*olhando para Ernestina, que se conserva desmaiada*) Ah! «Dorme, estatua de neve! vergonhea de marfim!» Dorme! és bella como as virgens de Murillo! casta e pura como os anjos do céo! (*approximando-se e tomando-lhe a mão ao de leve*) Esta mão tem a frieza do cadaver: se tu quizesse dar-lhe calôr no meu seio! Oh! quem pudera fazer-te amar. Oh! a minha liberdade, o meu sangue em troca d'essa transformação. Mas não: tudo é impossivel. Que ao menos eu colha dos teus labios adormecidos a flôr que tanto anhele! (*vai a approximar-se para lhe dar um beijo*)

## SCENA IX

OS MESMOS e PEDRO

PEDRO (*ouvindo o fim do monologo, e entrando no momento em que Noronha se aproxima de Ernestina, agarra aquelle pelo pescoço obrigando-o a curvar-se*)

De joelhos, villão, de joelhos!

NORONHA (*forcejando por levantar-se*)

Ai! por caridade! largue-me!

PEDRO

Doe-te, miseravel? pois é pouco para ti, são mais duras de soffrer as golilhas do forçado... Levanta-te!

NORONHA

Bonita maneira de atacar um cavalheiro!...

PEDRO

Desgraçado!? e ainda ousas fallar d'essa maneira? onde está o teu cavalheirismo? em entrares nesta casa, como o mais vil, o mais infame ladrão? em empregares os teus ardis odiosos contra uma pobre mulher desprotegida? em redigires cartas anonymas para perturbar a tranquillidade e a paz

..

d'uma familia honesta? Vae, miseravel, sahe d'esta casa; não te esmago, porque me enojas. Prefiro ver-te desaparecer. Mas, crê-me, se te encontro novamente no meu caminho, alojo-te uma bala nesse cerebro de cretino. (*aponta-lhe a porta com um gesto*)

NORONHA (*sahindo*)

Se eu der tempo a isso...

PEDRO (*correndo sobre elle*)

Ameaças, reptil! espera!...

ERNESTINA (*acordando*)

Oh! meu Deus! que pezadello!...

PEDRO

Minha querida Ernestina!

ERNESTINA

Que pezadello horrivel acabo de ter; tudo mortes, enteramentos... lutos...

PEDRO

Desterra para longe esses pensamentos; bem vêes que nada existe que os motive. Todos estamos bons; o papá entrou em plena convalescença; o mano, no domingo...

## SCENA X

OS MESMOS e ERNESTO

ERNESTINA (*que vê entrar o pae*)

Oh! papá! (*correndo a abraçar-o*) Oh! meu querido papá!  
(*chora*)

ERNESTO

Mas... que é? que é isto, Ernestina?

ERNESTINA

Ah! a maior desgraça que nos podia succeder...

ERNESTO

Mas que foi, que succedeu? Filha, então, que desgraça temos? (*Ernestina quer fallar, mas os soluços embargam-lhe a voz*) Vamos! coragem! Sr. Pedro de Vasconcellos, quer ter a bondade?...

PEDRO

Cheguei muito tarde para o saber, mas ainda a tempo de evitar um attentado miseravel. (*dirigindo-se a Ernestina*) Ernestina, em nome da nossa felicidade peço que se tranquilise. Vamos! explique-nos o que lhe disseram: certamente alguma calúnia...

ERNESTINA

Ah! não, não é. Vi eu mesma. Que desgraça, meu Deus! que desgraça!....

ERNESTO (*afagando Ernestina*)

Mas que foi? Dize-nos lá o que succedeu? Dize, anda. Sou tão teu amigo e não me queres fazer este favor... Ora, vamos, creança. Anima-te. Não te lembras de tua mãe, tão valerosa sempre em todas as occasiões; de teu irmão...

ERNESTINA

Ah! não me falle em meu irmão, não me falle nelle, porque... (*cahe debulhada em lagrimas nos braços do pae*)

PEDRO

Pobre creança! Sr. Ernesto, é melhor conduzil-a ao quarto; precisa de descanso primeiro que tudo. (*toma um dos braços de Ernestina e sahem*)

ERNESTO

Que nova fatalidade me estará reservada?!...

## SCENA XI

NORBERTO (*entrando alegre, pondo o chapéo e bengala com ruído para cima d'uma cadeira; traz um jornal na mão*)

Tudo falso! tudo! com seiscentos demonios. Oh! lá! gente! Sr. Ernesto! sr. Pedro! Ernestina! Sim senhor! parece que estão todos a dormir em cima da boa nova do tal jornal. Ora! ora! (*tocando a campainha*) é inacreditavel. Depressa, senhores! E esta, hein? nem criados, nem amos! bello! é o que eu digo, dormem a sésta. Vejamos. (*sahe*)

## SCENA XII

PEDRO e ERNESTO

PEDRO (*entrando com Ernesto*)

Repito-lhe sr. Ernesto, a Ernestina é victima d'uma auto-suggestão, muito frequente entre as mulheres nervosas. É vulgarissimo este caso. O dr. Charcot tem encontrado immensos exemplares.

ERNESTO

Dá-me a sua palavra de cavalheiro?

PEDRO

Que necessidade ha de appellar para ella? Veja o sr. Er-

ncsto: eu estou perfeitamente socegado. Ora crê que estaria assim dado o caso de acreditar na morte do Alfredo? Não me fará a injuria de suppôr que receberia esta nova com a frieza que vê.

ERNESTO

As suas palavras tranquillizam-me. Com quanto já hoje não tenha pelo Alfredo o affecto que outr'ora tive, no emtanto custar-me-hia muito que succedesse um factô tão lamentavel como aquelle a que a Ernestina alludia.

PEDRO

Diz v. ex.\* que não nutre pelo Alfredo o affecto de outr'ora. Permitta-me que duvide. Para o provar basta o estado de afflicção que revelou ainda agora. E francamente, sr. Ernesto, não vejo motivo para o contrario.

ERNESTO

Acha então que o factô da desobediencia, acompanhado de tantas aggravantes, não justifica d'algum modo o meu procedimento? Que se tornaria então a auctoridade do pae? aconselhar simplesmente? acho pouco, muito pouco. Ha casos em que é necessaria a imposição, sobretudo, hoje, sr. Pedro de Vasconcellos, em que a mocidade se vê alliciada por todos os modos para fugir á regra, á ordem, á justiça.

PEDRO

Muito bem. Concordo com v. ex.\* em que o dever dos paes se estende além dos conselhos, e não vou longe do juizo severo que fórma ácerca do estado da educação da mocidade

moderna; mas é necessario, sr. Ernesto, ser razoavel no uso d'essa auctoridade, e esmagar o egoismo natural, que quer acorrentar as pessoas amadas ao nosso proprio bem. Precisamos lembrar-nos sempre das grandes palavras do immortal Fénélon: «nós devemos mais á Humanidade que á Patria, mais á Patria que á Familia, mais á Familia que aos amigos, mais aos amigos que a nós mesmos». É esta é a bella doutrina do Christianismo e é tambem a da verdadeira Philosphia!

### SCENA XIII

OS MESMOS e NORBERTO

NORBERTO (*que tem entrado sem ser percebido;  
cruzando os braços*)

Sim! senhor! muito bem! muitissimo bem! uma bonita lição de *urso*, como se diz em linguagem academica. Com que então... a Humanidade... a Patria... a Familia!...

PEDRO

Mas...

ERNESTO

Então, sr. Norberto, que quer dizer?...

NORBERTO

Que quer dizer?!... tem graça!... acho mesmo infinita

graça! sim, senhor! Com que então, que quer dizer, hein?  
ora... ora...

PEDRO

Não percebo onde quer chegar, palavra!

ERNESTO

Nem eu...

NORBERTO

Pois não me parece que seja metter uma lança em Africa.  
Chego aqui ha cinco minutos...

PEDRO

Perdão! nesse caso ter-nos-hia encontrado...

NORBERTO

Na lua...

PEDRO

Está aqui o sr. Ernesto que pôde confirmar.

ERNESTO

De facto ha cinco minutos estavamos nós nesta mesma  
sala.

NORBERTO

Pois estariam, mas nesse caso eram puros espiritos. O facto é que estive aqui e não vi ninguem; fui aos aposentos do sr. Ernesto e não vi ninguem; corri todo o jardim, de norte a sul, de ponte a nascente, em todas as direcções e não vi

ninguem. Emfim, basta dizer que levei as minhas pesquisas ao ponto de ir á cosinha; pois não vi ninguém, nem mesmo o bicho da dita... á cosinha, senhores!

ERNESTO e PEDRO

Ah! ah! ah!

ERNESTO

E afinal para que? para nos anunciar talvez que o bacalhau subiu de preço?

NORBERTO

Qual bacalhau! vinha mas era para participar que não ha nada; não ha nada, acabou-se; o Alfredo vivo e são como um pêro! é o que é.

PEDRO (*á parte*)

Cahiu na ratocira.

ERNESTO

Mas... tanto barulho para...

NORBERTO

Para nada, aposto que ia dizer. Com que... espalha-se o boato da morte do Alfredo...

ERNESTO

Hein? hein?...

PEDRO (*á parte*)

Sou apanhado em flagrante delicto de mentira.

NORBERTO

Ah! que só agora me lembra. Deixal-o. Também tudo se pôde descobrir já. Sr. Pedro de Vasconcellos não sei se fui precipitado.

PEDRO

Não, não foi; as boas novas não devem calar-se nunca.

ERNESTO

Peço que me digam tudo. Tenho já nas mãos o fio de Ariadne, mas custa-me ainda a perceber.

PEDRO

Tem razão. Eis em duas palavras o que se deu. Num jornal d'hoje appareceu uma noticia que dizia ter o Alfredo morrido em Cabo Verde. Nós, eu e o sr. Norberto, resolvemos immediatamente nada dizer ao sr. Ernesto para o não affligir: ao mesmo tempo tratámos de saber o que havia de positivo a tal respeito, porque nos lembrámos logo d'algum calumniador...

ERNESTO

Mas haverá alguém tão infame, que desça ao nivel de forjar uma noticia d'essa ordem?

PEDRO

Ha infelizmente, e a prova está patente. (*para Norberto*) E como descobriu a falsidade?

NORBERTO

D'uma maneira muito facil. Lembra-se de o jornal dizer que o governo recebera telegramma. Ora, logo que d'aqui me despedi, tomei um trem e mandei bater para o ministerio da marinha. Como sabe, tenho relações pessoaes com o ministro. Fallei-lhe e sube que nada havia. É facto ter o governo recebido telegramma a respeito do batalhão academico, mas por emquanto, é confidencial; a bordo vêm todos bons— isso é que é o importante.

ERNESTO

Ainda bem. Deixem-me dar essa alegria á Ernestina, coitada! (*sahe*)

## SCENA XIV

NORBERTO e PEDRO

NORBERTO

Mas ainda agora eu penso numa cousa: o sr. Pedro quer fazer o obsequio de me dizer onde estavam ha pouco? É que, palavra! —preocupa-me esta pequena circumstancia. Pois venho todo entusiasmado e não encontro alma viva...

PEDRO

Eu lhe digo porquê. Se nos tivesse procurado nos aposentos da Ernestina, ter-nos-hia encontrado. Levámol-a desmaiada.

NORBERTO

Desmaiada! mas a razão?!...

PEDRO

Não se admire do que vou dizer-lhe. Sabe que ha homens que envergonham a especie; homens que, superiores aos irracionaes pela scentelha da espiritualidade, são ás vezes inferiores a elles pelos baixos sentimentos que alimentam. Dá-se aqui um caso d'estes. A Ernestina foi e tem sido requestada por muita gente: os dotes excepçionaes que a aformoseiam impõem-se á admiração de todos. D'entre essa turba-multa de admiradores distingue-se um, verdadeiro exemplar de cretino, ser em quem a força da degenerescencia se accumulou, produzindo um verdadeiro desequilibrado, tendo mais de animal que de homem. Era um sapo a contemplar o sol. Deu-se o que era de esperar: a Ernestina fugiu de horror. Conhece-o?

NORBERTO

Adivinhei logo a quem se queria referir: — o Lagosta, pois não? e como se deu o desmaio da Ernestina?

PEDRO

Ah! é verdade. Como lhe disse, elle requestava-a com uma persistencia, só propria d'um doido; por varias vezes tinha tentado fallar-lhe, mas penso que só duas o conseguiu: a segunda foi esta, em que elle apresentou o jornal á pobre pequena e que ficou como pôde imaginar. D'ahi o desmaio sem mais consequencias, felizmente. Agora a boa noticia do irmão deve rehabilital-a por completo.

NORBERTO

E diga-me: que tenciona fazer do abjecto calumniador?

PEDRO

Já me lembrou — Deus me perdõe! — de fazer justiça sumaria: matal-o. Palavra que me tem passado já isso pela ideia, e varias vezes! Matal-o, como quem mata um cão damnado, ou um animal feroz — sem piedade, friamente. Mas depois — pensei melhor. Envergonho-me de me bater com aquelle homem.

NORBERTO

Além de que não achava razoavel que o meu amigo fizesse depender a sua vida das probabilidades d'um duello...

PEDRO

Confiava na causa da justiça que havia de vingar. Batia-me se fosse com outro, mas assim acho melhor outra cousa: entregal-o á policia. Ella que toma conta dos cães vadios, que se encarregue d'aquelle, mais perigoso que os companheiros. Saio a tratar d'isso. Até logo. (*sabe*)

NORBERTO

Até logo.

## SCENA XV

NORBERTO e FILIPPE

NORBERTO

Parece-me que não se encaminham mal as cousas. O Alfredo bom; rijo e valente, chega-nos ahí domingo no seu bello uniforme de tenente do nosso exercito. Oh! se todos os militares fossem como elle!... voltavamos a ser os valentes d'outros tempos! e ha alguem que levanta a calumnia da morte d'este valente portuguez! que vileza! O sr. Pedro de Vasconcellos tem razão—ha homens que envergonham a especie.

FILIPPE (*entrando esbaforido*)

O sr. Ernesto, onde está o sr. Ernesto?

NORBERTO

Mas que é?

FILIPPE

Ai! o meu rico menino! onde está o sr. Ernesto! diga depressa!... (*vai para sahir*)

NORBERTO (*sustendo-o*)

Mas que é?

FILIPPE

Deixe-me, sr. Norberto, que não sei como não estoiro de alegria. Ai! o meu rico menino! (*sahe*)

## SCENA XVI

NORBERTO e ERNESTO

NORBERTO

Bello! parece que está doido! querem ver que soube agora o tal boato falso e que se lhe transtornou a razão?! Pobre velho! é isso com certeza. Pois sinto bastante esta desgraça. É uma verdadeira calamidade. E ha de o miseravel, causador de tantos males, ficar impune? Oh! é preciso castigal-o e castigal-o severamente!

ERNESTO (*entrando*)

Um abraço, meu bom amigo. (*abraça Norberto, que se simula atrapalhado*) Raiou d'hoje para o futuro a alegria nesta casa. Nunca mais quero ver lagrimas, nem lutos. Ah! quanto não tenho a agradecer á Providencia!

NORBERTO

Mas de que se trata?

ERNESTO

Como? então não sabe? O Filippe não lhe disse?

NORBERTO

Mas o que? ignoro absolutamente...

ERNESTO

Ora essa! então não sabe que o Alfredo já está em Lisboa?

NORBERTO (*à parte*)

Querem ver que endoideceu também? (*alto*) Que desgraça, meu Deus!

ERNESTO

Que desgraça! então é assim que recebe uma comunicação tão festiva, como a que acabo de lhe dar?

NORBERTO

Como pôde isso ser, sr. Ernesto, se o governo nada sabe. Fallei com o ministro!...

ERNESTO

Podia fallar com quem quizesse. Não ha informações mais exactas que as minhas...

NORBERTO

Perdoe-me de o contradizer. É a primeira vez que tal faço, mas tenho sobejos motivos para o fazer.

ERNESTO

Nem eu me melindro com isso. Simplesmente lhe digo que o Alfredo já está em Lisboa. Sabe-o toda a gente lá fóra, nem

noutra cousa se falla neste momento em toda a capital. O Filippe soube-o pelas ruas por onde passou.

NORBERTO

É possível, mas não o creio. Diga-me: como explica a chegada do Alfredo a Lisboa no dia de hoje, quer dizer, com tres dias de avanço? Como explica que o governo nada saiba a tal respeito?

ERNESTO

Não posso responder-lhe; mas, diga-me o senhor, como se espalhou este boato? que interesse havia em fazel-o circular, se não fosse verdadeiro?

NORBERTO

É o que vou tratar de saber. Voltarei breve. (*sahe*)

### SCENA XVII

ERNESTO

Crêmos sempre facilmente aquillo que nos convem — disse um pensador. Quem sabe se estarei sendo victima d'um engano? quem sabe se ainda a estas horas o Alfredo vem no alto mar, embebido na belleza das aguas que sempre o seduziram, com o coração alanceado pela saudade dos entes que aqui deixou ha tanto tempo? Ah! para que hei de eu mentir á minha consciencia? sinto por elle mais affecto que outr'ora. E porque não? interrogo-me serenamente, des-

apaixonadamente e a resposta que ouço desculpa-o. Desobedeceu? é um facto. Mas porque e para que? Oh! quantos paes não ambicionariam esta desobediencia! Eu senti-me ferido mais na minha vaidade de homem do que no meu amor de pae. A verdade é esta. (*pausa*) E já em Lisboa? será possível?! Ardo em desejos por sabel-o. Oxalá, oxalá!... (*sahe*)

### SCENA XVIII

PEDRO e ERNESTINA

PEDRO

Que alegria, que doida alegria esta gente não vai ter! Surgir inesperadamente, como uma boa nova, o filho amado, o irmão querido, o amigo inolvidavel. Que grande felicidade! (*vendo entrar Ernestina, de toilette branca, um bouquet ao peito, ares de alegria*) Bravo! a Primavera por aqui!...

ERNESTINA

Pedi licença á Natureza para vir visitar Abril.

PEDRO

Bem vinda então, linda forasteira, que Abril curva-se reverente perante a Rainha das Flôres. (*beija-lhe a mão*)

ERNESTINA

Muito obrigada. Gosto d'estes cumprimentos, que me fa-

zem lembrar involuntariamente as historias da cõrte de Luiz XIV. Mas nem a epocha, nem os personagens se coadunam com estas cortezias. Parece-me preferivel chamar-te simplesmente—Pedro de Vasconcellos, pois não?

PEDRO

Sem duvida, minha boa Ernestina. A cortezia é uma mascara que se afivela muitas vezes, para fingirmos o que não somos. E entre nós muitos mezes de convivencia fizeram que um para o outro fossemos como dois amigos, ou como dois irmãos.

ERNESTINA

Generosidades tuas, que quizeste baixar um olhar compassivo á pobre flôr abandonada.

PEDRO

Oh! não digas isso, Ernestina. D'onde partiu a generosidade? de mim? Ah! não! bem sei que não sou digno de ti; bem me reconheço incapaz de alcançar a tua mão, tão nobre e tão aristocratica. Tu, Ernestina, tens a aristocracia do sangue, e outra muito mais valiosa— a da virtude. És nova e formosa. Que podia então esperar o filho de paes humildes, que envelheceram no trabalho arduo da lavoura, ao sol e á chuva? que podia eu esperar, um ignorado e um mediocre?...

ERNESTINA

Pedro...

PEDRO

Ah! deixa-me dizer tudo, minha boa Ernestina. Não me

envergonho, nunca me envergonhei de dizer: — sou pobre. Pobreza não é vileza — diz a Philosophia popular. É assim que eu penso. Mas confesso-te que, quando me lembrava que teu pae poderia levantar attritos á nossa união, desconsolava-me profundamente, e ainda hoje...

ERNESTINA

És injusto para com elle. Quem te admittiu na nossa casa como velho amigo, quem sempre foi para ti tão bom, e que de mais a mais sabe já da sympathia que une os nossos corações, não podia recusar-te a minha mão.

PEDRO

Deus ouça as tuas palavras, Ernestina. Que eu juro-te que a minha aspiração, hoje, é concorrer para a tua felicidade, de teu pae e irmão. Tenho vaidade em pertencer-te, em dedicar-me a vós. É a minha unica virtude, e nisso me julgo feliz. Depende de ti o auxiliar-me.

ERNESTINA

Affianço que nenhuma difficuldade surgirá: creio isto firmemente; no entanto, se, apesar de tudo, algum obstaculo apparecer, teria coragem para o cortar.

PEDRO

Agradeço-te do fundo d'alma essas expressões, reveladoras do teu grande coração. Mas nada será preciso. Tenho confiança em teu pae, e, mais ainda, em teu irmão. E acima de todos, em Deus. *(começa de ouvir-se a principio fracamente e*

*depois bem, a Portuguesa. A musica deve figurar precisamente a passagem na rua onde fica a casa de Ernesto; Pedro e Ernestina levantam-se em sobresalto)*

ERNESTINA

Que é isto?

PEDRO

Ah! egoistas que nós somos! temos fallado tanto de nós, e nem ao menos nos lembramos do Alfredo.

ERNESTINA

Mas que significa? *(corre a uma janella)*

PEDRO

Que vai passar o batalhão dos voluntarios academicos!...

### SCENA XIX

OS MESMOS, NORBERTO, ERNESTO e FILIPPE

NORBERTO

Ahi vem o Alfredo! Bello como sempre!

ERNESTINA

Já o viu?

NORBERTO

Já, sim, minha senhora. Veja, veja ahi da janella. Vem com o batalhão.

ERNESTO (*acompanhado de Filíppe*)

Já ahi vêm?

ERNESTINA

Já sim, papá. Oh! meu Deus! parece-me que morro de alegria!

(*Filíppe leva o lenço aos olhos, conservando-se ao fundo, silencioso.*)

PEDRO (*dirigindo-se a Ernesto*)

Ahi temos o nosso homem...

ERNESTO (*commovido*)

Já era tempo!... aquelle valdevinos...

ERNESTINA (*á janella*)

Lá o vejo... lá o vejo... Papá!... venha ver.

NORBERTO

Provavelmente segue com o batalhão e não entrará agora.

ERNESTO

Não entrar! ora essa! então a quem cabe a primeira visita?

NORBERTO

A disciplina militar manda-o apresentar-se no quartel; só se com licença...

VOZES (*fóra*)

Viva Alfredo da Cunha!

ERNESTINA

Papá! lá entra! lá vem elle. (*Pedro, Norberto e Filippe sahem; a musica sente-se retirar no meio de vivas, etc.*)

ERNESTO

Oh! meu Deus! que commoção! Ernestina, vamos ser muito felizes, filha!

## SCENA XX

ERNESTO, ERNESTINA, ALFREDO, PEDRO,  
NORBERTO e FILIPPE

ALFREDO (*acompanhado de Pedro e Norberto; veste a farda de tenente; correndo a abraçar o pae*)

Querido pae! (*idem a Ernestina*) Minha boa Ernestina!  
(*soluços; pausa*)

NORBERTO (*atraiçoando commoção*)

Sim, senhores! bonita festa. Nem que fosse um enterro!...

Vamos, basta de lagrimas: fartos de chorar andamos nós todos. (*para Alfredo*) Olá! meu valente, quantas vezes estiveram esses olhos assim em frente do inimigo?

ALFREDO

Lá não havia tempo para isso. Era necessario que andassem bem enxutos para poderem descobrir a pista da caça.

PEDRO

E tu mostraste ser bom caçador; — trazes a prova contigo.

ALFREDO

Alguma cousa. Como sabem, sentei praça como voluntario. Recebi lá a nova do indulto, na occasião em que me batia já como um valente. Do que lá fiz, que não foi mais que o meu dever, resta-me o meu posto de tenente, a medalha da Torre e Espada e duas ou tres cicatrizes. É pouco, o mais...

PEDRO

Sabemol-o nós. O que te podemos assegurar é que o teu nome resôa hoje em Portugal com a celebridade d'um heroe. Tens a glorificação popular, a mais legitima e a menos calculada e por isso mesmo a mais sincera.

ERNESTO

É verdade: como é que tu chegaste com tres dias de antecedencia?

ALFREDO

Muito naturalmente — pela aceleração da marcha do vapor: além d'isso contavamos fazer paragens que não fizemos, de sorte que tudo isso concorreu para chegarmos hoje em vez de domingo.

FILIPPE (*apparecendo entre portas*)

Com licença.

ALFREDO

Ah! és tu meu velho?!

FILIPPE

Dá-me licença que o abraçe?

ALFREDO

Pois não. (*abraça-o*) Tens parte nestas alegrias, que o teu dinheiro foi como orvalho do céu. Fallaremos depois...

ERNESTO (*á parte*)

Quer-lhe tanto como eu.

FILIPPE

E agora duas boas novas: uma vem aqui (*mostra uma carta em fôrma de officio, que entrega a Alfredo*) e o sr. Alfredo vai já dal-a. A outra annuncio-a cu: soube agora mesmo que se suicidou, não ha ainda meia hora, o celebrado Lagosta,

## NORBERTO

Não quiz presenciar o teu triumpho, Alfredo.

## ALFREDO

Deixal-o. Não passou d'um desgraçado, afinal. Que durma em paz. (*rasgando o envelope*) Vejamos que surpresa nos espera d'este lado. (*lendo*) Os representantes da nação, reunidos em côrtes, agora mesmo acabam, por aclamação, de decretar-lhe o titulo de «Benemerito da Patria». (*todos correm a abraçal-o*) Fiz o meu dever, nada mais. Este titulo nada ajunta á minha ambição. O portuguez que não fizesse o que eu fiz não era digno de seu nome.

## PEDRO

É preciso que haja homens como tu para compensarem pelo bem o mal que outros fazem. Mas... ainda resta alguma coisa... (*dirigindo-se a Ernesto*) Sr. Ernesto da Cunha: o Alfredo vem cansado da viagem, e eu não posso adiar por mais dias o pedido que vou fazer-lhe; do contrario não seria inteiramente feliz. Antecipadamente lembro que a recusa ao meu pedido, embora me magoasse da maneira mais dolorosa, acatal-a-hia com o respeito que merecia ser acatada. Tenho, pois, a honra de pedir a v. ex.<sup>a</sup> a mão de sua filha Ernestina. (*Alfredo corre a abraçar Pedro; Norberto vai conversar com Ernestina*)

## ERNESTO

Anciava por esse pedido, sr. Pedro de Vasconcellos. Desde que reconheci o seu bello character, causou-me a mais agradável impressão a sympathia que descubri existir nos dois,

Que isto do amor é como as essencias preciosas: mal se destapa o frasco que as contém, dão-se logo a conhecer. Por isso, é com o maior jubilo que lhe cedo a mão de minha filha, certo de que ha de saber estimar joia de tão subido preço. Ernestina, aproxima-te, filha. Alfredo, vem aqui para o lado. Meu velho Norberto, e tu, Pedro. Olá! bom Filippe! chega-te para junto de nós, que ha muito te considero amigo dos mais certos. *(vendo-os reunidos em volta de si)* Muito bem. Creio que está aqui a nossa familia; todos aquelles que entre si repartiram as suas affeições. A nossa familia! Como esta expressão me consola! Todos os meus votos são para que Deus dote o nosso paiz de corações como os vossos. Só d'esta fôrma é que veremos levantar-se grande, heroica e invencivel, essa outra familia — a Patria.

## ALFREDO

Meu pae! o maior galardão que podia conceder aos meus meritos, se alguns tenho, acaba de dal-o neste momento — juntando á nossa familia o nosso querido Pedro de Vasconcellos, uma perola da mais fina agua. E visto que a familia está incluída nesta santa palavra — Patria, permitta-me o pae, a mim, soldado obscuro mas honrado, que levante um viva em que vai parte do meu sangue e parte da minha alma: Viva a Patria!

## TODOS

Viva!

*(A musica tocando a Portugueza ouve-se desde a ultima falla mais distinctamente, e bem no final. — Cahe o panno.)*

